



Nathalia Melo de Carvalho

**Elaboração de medidas implícitas para
aferir as facetas de neuroticismo**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia (Psicologia Clínica) da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Jean Carlos Natividade

Rio de Janeiro

Fevereiro de 2020



Nathalia Melo de Carvalho

**Elaboração de medidas implícitas para
aferir as facetas de neuroticismo**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Psicologia Clínica) da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora.

Prof. Jean Carlos Natividade

Orientador

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Prof. Jesus Landeira-Fernandez

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Prof. Nelson Hauck Filho

Universidade São Francisco - USF

Rio de Janeiro, 19 de fevereiro de 2020.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da universidade, da autora e do orientador.

Nathalia Melo de Carvalho

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia (Psicologia Clínica) da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Graduiu-se em Comunicação Social – Jornalismo na PUC-Rio, em 2014. Membro do Grupo de Pesquisa em Psicologia Social (G2PS) da PUC-Rio. Desenvolve pesquisas nas áreas de cognição social, personalidade e psicologia positiva.

Ficha Catalográfica

Carvalho, Nathalia Melo de

Elaboração de medidas implícitas para aferir as facetas de neuroticismo / Nathalia Melo de Carvalho ; orientador: Jean Carlos Natividade. – 2020.

93 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 2020.

Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Validade do teste. 3. Precisão do teste. 4. Traços de personalidade. 5. Cognição social implícita. 6. Teste de associação implícita. I. Natividade, Jean Carlos. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD: 150

Agradecimentos

Aos meus pais, Maria Cristina Franca Melo e Mário Lisboa de Carvalho Júnior (em memória), por terem me proporcionado as melhores oportunidades possíveis ao longo da vida.

Ao meu irmão, Bernardo Melo de Carvalho, pela parceria e inspiração.

Aos meus avós, Ione Franca Melo e Délio Bernardino de Melo (em memória), por terem sido tão presentes na minha vida e na minha formação.

Aos meus amigos, especialmente ao time de futsal feminino da Atlético de Artes e Comunicação da PUC-Rio, pelos momentos inesquecíveis vividos em quadra e pelo suporte fora dela.

Ao meu orientador, Jean Natividade, pelos conhecimentos compartilhados e pelas oportunidades de aprendizado concedidas ao longo desses dois anos.

Ao CNPq e à FAPERJ pelo financiamento desta pesquisa.

Aos alunos de iniciação científica Rafael Bastos, Débora Pereira e Miriã Tebas pelo auxílio em todas as etapas desta pesquisa.

À Thainá Ferráz pela parceria e por ter me ajudado a evoluir como pessoa.

A todos os membros do Grupo de Pesquisa em Psicologia Social (G2PS) da PUC-Rio pelo auxílio na realização desta pesquisa, desde o empenho na etapa de coleta de dados até os momentos de descontração.

Aos professores Jesus Landeira-Fernandez e Nelson Hauck Filho por aceitarem o convite para participar da banca de defesa desta dissertação.

Aos professores Luís Antônio Campos, Cristiane Moreira, Carla Gebara e Maracy Alves, com quem dei os primeiros passos na atividade científica, por todo o auxílio no curso de graduação em Psicologia.

Resumo

Carvalho, Nathalia Melo de; Natividade, Jean Carlos (orientador). **Elaboração de medidas implícitas para aferir as facetas de neuroticismo**. Rio de Janeiro, 2020. 93 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Neuroticismo é um fator de personalidade que engloba quatro subfatores: depressão, vulnerabilidade, passividade e instabilidade emocional. Esta pesquisa teve como objetivos construir e buscar evidências de validade de medidas implícitas para aferir as facetas de neuroticismo. Para tanto, foram realizados dois estudos: (1) elaboração dos itens; (2) teste empírico das medidas. O primeiro estudo consistiu em um procedimento empírico para selecionar itens e buscar evidências de validade baseadas no conteúdo das medidas construídas. Participaram 408 pessoas, sendo que todas eram estudantes universitárias. Esse procedimento resultou em listas de palavras representativas do indivíduo e das facetas de neuroticismo. No segundo estudo, as palavras selecionadas previamente foram implementadas em testes de associação implícita para que fossem buscadas mais evidências de validade e obtidos indicadores de fidedignidade. Participaram 417 pessoas com diferentes níveis de escolaridade, sendo que 72,2% tinham ensino superior incompleto e 61,4% eram mulheres. Os resultados indicaram que as medidas de depressão, insegurança e passividade apresentaram evidências de validade satisfatórias, incluindo uma estrutura consonante com as definições dos construtos e relações esperadas com outras variáveis. Por exemplo, encontraram-se correlações positivas entre as medidas construídas e neuroticismo e correlações negativas com satisfação de vida. A medida de instabilidade emocional, por outro lado, se mostrou mais problemática no que diz respeito às evidências de validade. Ainda, os índices de consistência interna de todas as medidas se mostraram adequados e os coeficientes de correlação teste-reteste foram superiores aos valores que têm sido encontrados na literatura. Discute-se, entretanto, que mais evidências de validade são necessárias para que essas medidas possam ser usadas em contextos aplicados.

Palavras-chave

Validade do teste; precisão do teste; traços de personalidade; cognição social implícita; teste de associação implícita.

Abstract

Carvalho, Nathalia Melo de; Natividade, Jean Carlos (advisor).

Development of implicit measures to assess the facets of neuroticism.

Rio de Janeiro, 2020. 93 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Neuroticism is a personality factor that encompasses four subfactors: depression, vulnerability, passivity and emotional instability. This research aimed to build and search for evidence of validity of implicit measures to assess the facets of neuroticism. For this purpose, two studies were conducted: (1) elaboration of the items; (2) empirical test of the measures. The first study consisted of an empirical procedure to select items and search for evidence of validity based on the content of the built measures. Participants were 408 people, all of them were university students. This procedure resulted in lists of representative words of the individual and the facets of neuroticism. On the second study, the previously chosen words were implemented on implicit association tests, so that more evidence of validity was sought and reliability indicators were obtained. Participants were 417 people with different levels of educational background, 72.2% of them had incomplete higher educational background and 61.4% were women. The results indicated that the measures of depression, insecurity and passivity presented satisfactory evidence of validity, including a structure aligned with the definition of the constructs and expected relations to other variables. For instance, we found positive correlations between the built measures and neuroticism and negative correlations with satisfaction with life. The measure of emotional instability, however, proved to be more problematic regarding the evidence of validity. In addition, the internal consistency indexes for all measures were found to be adequate and the test-retest correlation coefficients were higher than the values found in previous studies. It is argued, however, that more evidence of validity is needed so that these measures can be used in applied contexts.

Keywords

Test validity; test accuracy; personality traits; implicit social cognition; implicit association test.

Sumário

1. Apresentação	10
2. Objetivos	13
2.1. Objetivo geral	13
2.2. Objetivos específicos	13
2.2.1. Estudo 1: elaboração dos itens	13
2.2.2. Estudo 2: teste empírico das medidas	13
3. Referencial teórico	14
3.1. Mensuração implícita em psicologia	18
3.2. Mensuração implícita da personalidade	20
3.3. Relações entre medidas de neuroticismo e outras variáveis	22
4. Justificativa	26
5. Presente Estudo	28
6. Estudo 1: Elaboração dos Itens	29
6.1. Método	29
6.1.1. Participantes	29
6.1.2. Procedimentos	29
6.1.2.1. Éticos	29
6.1.2.2. De coleta	29
6.1.2.3. De elaboração dos itens	30
6.1.2.4. Testes empíricos dos itens	30
6.1.2.5. De análise	31
6.2. Resultados	31
7. Estudo 2: teste empírico das medidas	37
7.1. Etapa 1: faceta depressão	37
7.1.1. Método	37
7.1.1.1. Participantes	37

7.1.1.2. Instrumentos	37
7.1.1.3. Procedimentos	40
7.1.1.3.1. Éticos	40
7.1.1.3.2. De coleta	40
7.1.1.3.3. De análise	41
7.1.2. Resultados	42
7.1.2.1. Estrutura e Precisão	42
7.1.2.2. Relações com outras variáveis	43
7.2. Etapa 2: faceta insegurança	47
7.2.1. Método	47
7.2.1.1. Participantes	47
7.2.1.2. Instrumentos	47
7.2.1.3. Procedimentos	48
7.2.1.3.1. De coleta	48
7.2.1.3.2. De análise	48
7.2.2. Resultados	48
7.2.2.1. Estrutura e Precisão	48
7.2.2.2. Relações com outras variáveis	50
7.3. Etapa 3: faceta passividade	54
7.3.1. Método	54
7.3.1.1. Participantes	54
7.3.1.2. Instrumentos	54
7.3.1.3. Procedimentos	55
7.3.1.3.1. De coleta	55
7.3.1.3.2. De análise	55
7.3.2. Resultados	55
7.3.2.1. Estrutura e Precisão	55
7.3.2.2. Relações com outras variáveis	57
7.4. Etapa 4: faceta instabilidade emocional	61
7.4.1. Método	61
7.4.1.1. Participantes	61
7.4.1.2. Instrumentos	61
7.4.1.3. Procedimentos	62
7.4.1.3.1. De coleta	62

7.4.1.3.2. De análise	62
7.4.2. Resultados	62
7.4.2.1. Estrutura e Precisão	62
7.4.2.2. Relações com outras variáveis	65
8. Discussão	69
8.1. Evidências de validade baseadas no conteúdo	69
8.2. Evidências de validade baseadas na estrutura interna	71
8.3. Fidedignidade	72
8.4. Evidências de validade baseadas nas relações com outras variáveis	74
9. Considerações finais	81
10. Referências bibliográficas	84

1

Apresentação

A elaboração de medidas psicológicas para acessar diferenças individuais esteve presente ao longo de toda a história da psicometria (Colom, 2006; Pasquali, 2011). Inicialmente, buscou-se identificar diferenças nos níveis de inteligência e personalidade, que faziam com que as pessoas respondessem de maneira distinta aos mais variados estímulos (Colom, 2006). Uma compreensão acurada dessas diferenças, segundo os pesquisadores da época, poderia auxiliar em contextos aplicados, como na alocação de indivíduos a postos de trabalho coerentes com suas aptidões mentais (Gregory, 2014). Em contextos de guerra, por exemplo, fazia-se necessário compreender quais indivíduos possuíam o ajustamento psicológico necessário para atuar em campos de batalha, o que incluía uma baixa suscetibilidade a experimentar emoções negativas e instabilidade emocional (Gregory, 2014).

Desde os primeiros estudos sobre personalidade, portanto, o nível de ajustamento emocional dos indivíduos é considerado preditor de desfechos de vida relevantes, como o desempenho profissional e a capacidade de suportar frustrações (Gregory, 2014). À medida que o estudo da personalidade evoluiu, novas teorias e instrumentos foram elaborados na tentativa de explicar essa e outras diferenças individuais (Barenbaum & Winter, 2010). Uma perspectiva atual de estudo da personalidade, o modelo dos cinco grandes fatores, ou Big5, compreende o nível de ajustamento emocional de indivíduos como se referindo a um conjunto de características que podem ser explicadas por um fator denominado neuroticismo (Hutz et al., 1998; Natividade & Hutz, 2015). De forma resumida, esse fator indica a maneira como as pessoas tendem a lidar com desconfortos psicológicos, sendo que altos níveis nesse fator indicam pessoas que vivenciam sofrimentos emocionais com maior intensidade (Nunes, Hutz, & Nunes, 2010).

A maneira mais comum de acessar as características que compõem o fator neuroticismo, assim como outros traços de personalidade, é por meio de instrumentos de autorrelato, também conhecidos como medidas explícitas (e.g., Costa & McCrae, 2007; Nunes et al., 2010). Nessas medidas, o respondente é solicitado a assinalar o quanto concorda que uma determinada característica é

adequada para descrevê-lo. Apesar de amplamente utilizadas, essas medidas têm algumas limitações evidentes, como a alta susceptibilidade ao falseamento de respostas e possíveis dificuldades em introspecção por parte dos respondentes (Greenwald et al., 2002). Em meio a essas limitações, nas últimas décadas, as medidas implícitas foram desenvolvidas como uma forma de acessar construtos psicológicos de maneira indireta (Payne & Gawronski, 2010). Essas medidas também se propõem a acessar o que as pessoas pensam sobre a própria personalidade, mas sem questioná-las diretamente (Schnabel & Asendorpf, 2010).

Existem diferentes modelos teórico-explicativos acerca dos construtos acessados por meio de medidas explícitas e implícitas de personalidade (Carlston, 2010). No que há de consenso, acredita-se que as duas formas de medida buscam acessar uma parte do autoconceito que se refere aos traços de personalidade (Schnabel & Asendorpf, 2010). Isso porque, ao longo do processo de socialização, as pessoas formam crenças acerca do próprio self, obtidas por meio da observação do comportamento, dos mecanismos de comparação social ou de opiniões manifestadas por pessoas próximas (Burns, 1979; Greenwald et al., 2002). Há divergências, no entanto, sobre a natureza dos construtos acessados por essas medidas. Alguns autores defendem que ambas acessariam os mesmos construtos, enfatizando as diferenças metodológicas entre elas (e.g., Fazio & Olson, 2003), enquanto outros acreditam que os construtos acessados por medidas explícitas e implícitas são distintos (e.g., Schnabel & Asendorpf, 2010). Essa última vertente teórica é representada, principalmente, pelo modelo dual de processamento de informação, segundo o qual associações implícitas e explícitas são fundamentalmente distintas (Gawronski & Bodenhausen, 2011).

Diante dessas divergências teóricas que permeiam a área de mensuração implícita de construtos psicológicos, recomenda-se que os pesquisadores esclareçam, em suas pesquisas, o que exatamente querem dizer com os termos “implícitos” e “explícitos” para caracterizar medidas e construtos (Payne & Gawronski, 2010). Nesta pesquisa, optou-se por não distinguir, a priori, os construtos acessados por meio de medidas implícitas e explícitas. Ao longo de toda a dissertação, os termos “implícito” e “explícito” são usados para caracterizar construtos apenas com o intuito de facilitar a distinção entre os resultados obtidos por cada forma de medida. Na parte final da dissertação, entretanto, partindo dos resultados obtidos, discutem-se possíveis interpretações acerca da natureza dos

construtos acessados, inclusive possíveis hipóteses sobre consonância ou dissonância entre os construtos.

Além de divergências teóricas, a área de cognição social implícita é marcada por muitas críticas relacionadas às evidências de validade e precisão das medidas construídas (Gawronski, 2019). Críticas a respeito da ambiguidade dos resultados obtidos têm se mostrado pertinentes, uma vez que muitos estudos partem de pressupostos teóricos que não se sustentam empiricamente (Gawronski, 2019). Por outro lado, algumas críticas extremas parecem desconsiderar resultados favoráveis obtidos, defendendo que as medidas implícitas seriam incapazes de acessar aquilo que se propõem ou de contribuir para a predição de comportamentos (e.g., Blanton & Jaccard, 2017; Mitchell, 2018). Nesse sentido, estudos atuais têm se empenhado em destacar os problemas e as ambiguidades da área, apontando para direções futuras e mostrando quais críticas parecem ser bem fundamentadas e, portanto, passíveis de resolução (e.g., De Cuyper et al., 2017; Gawronski, 2019).

Apesar das limitações e problemas ainda não solucionados, a área de mensuração implícita tem se mostrado um campo de estudo promissor em psicologia social (Payne & Gawronski, 2010). A elaboração dessas medidas chamou atenção para um problema antigo e evidente na ciência psicológica: a dificuldade para acessar, via autorrelato, construtos altamente suscetíveis ao viés da desejabilidade social (Greenwald et al., 2002; Payne & Gawronski, 2010). No caso da personalidade, é possível que as pessoas não estejam dispostas a revelar características consideradas socialmente indesejáveis, como o quanto se consideram depressivas ou instáveis emocionalmente. Medidas implícitas que se proponham a acessar essas características, portanto, serviriam ao importante propósito de acessá-las sem depender da motivação do respondente para revelá-las. Diante desse panorama, elaborou-se esta pesquisa com o objetivo de construir medidas implícitas para aferir as facetas de neuroticismo.

2

Objetivos

2.1.

Objetivo geral

Elaborar e buscar evidências de validade e precisão de quatro medidas implícitas para aferir as facetas de neuroticismo: depressão, vulnerabilidade, passividade e instabilidade emocional.

2.2.

Objetivos específicos

2.2.1.

Estudo 1: elaboração dos itens

- Elaborar itens para compor as categorias dos testes de associação implícita, de acordo com as definições dos construtos;
- Verificar a adequação dos itens às definições dos construtos;
- Verificar a força de associação das palavras selecionadas às respectivas categorias.

2.2.2.

Estudo 2: teste empírico das medidas

- Testar a estrutura fatorial dos instrumentos;
- Testar índices de consistência interna e teste-reteste dos instrumentos;
- Testar relações entre as medidas construídas, medidas explícitas de personalidade, bem-estar subjetivo, autoestima e comportamentos típicos de neuroticismo;
- Testar diferenças entre homens e mulheres nas facetas de neuroticismo;
- Testar diferenças entre grupos de pessoas que realizaram ou não comportamentos típicos das facetas de neuroticismo.

3

Referencial teórico

O estudo da personalidade tem sido conduzido a partir de enfoques teóricos diversos (Barenbaum & Winter, 2010). De maneira ampla, a personalidade pode ser entendida como o padrão de funcionamento dos sentimentos, pensamentos e comportamentos de uma pessoa, tal que a caracteriza e a distingue das demais (Pervin & John, 2004). Entre as muitas teorias e modelos explicativos sobre a personalidade, aquelas derivadas da teoria dos traços (Allport & Allport, 1921) destacam-se por sua abrangência e aplicabilidade (Digman, 1989). Por traço de personalidade pode-se compreender uma tendência a responder de determinada maneira (pensar, sentir e agir) que pouco varia em função do ambiente e do tempo (Allport & Allport, 1921; Pervin, 1994). Ele representa o cerne da personalidade e se diferencia de outras duas categorias do funcionamento humano: os estados - características que perduram por um tempo determinado e que variam de acordo com o ambiente; e as atividades - características volúveis que variam de acordo com o ambiente (Allport, 1966).

Um pressuposto das pesquisas conduzidas para identificar traços sugere que na língua falada por um povo há termos capazes de caracterizar as pessoas e informar marcadores de diferenças individuais (John, Angleitner, & Ostendorf, 1988). Esse pressuposto assume que se uma característica pessoal é importante de ser conhecida para a sobrevivência e adaptação ao meio ambiente, então haverá palavras para descrevê-la. De acordo com essa abordagem, denominada lexical, as pessoas ao longo da história inventaram palavras para descrever diferenças importantes entre indivíduos. Em consequência, as palavras usadas com bastante frequência difundiram-se e tornaram-se comuns no vocabulário de todos. Consonante com isso, uma hipótese dessa abordagem propõe que se houver palavras que descrevem características semelhantes em variadas culturas, essas palavras representam peculiaridades universalmente importantes de serem descritas. Os estudos conduzidos sob essa égide valem-se de investigações em dicionários e na linguagem natural a fim de demarcar termos reveladores de características de personalidade (e.g., Goldberg, 1992; Hutz et al., 1998; Peabody, 1987; Pinho & Guzzo, 2003).

Tendo por base essa perspectiva, pesquisadores conduzindo estudos independentes e empregando técnicas de análises fatoriais a termos usados para características individuais verificaram que seus resultados eram passíveis de serem interpretados em cinco grandes dimensões explicativas (Goldberg, 1992). Tais dimensões agrupam descritores com conteúdos semelhantes e representativos dos seguintes fatores: extroversão, socialização, realização, neuroticismo e abertura a experiências (Costa & McCrae, 2007; Goldberg, 1990; Hutz, et al., 1998; Natividade & Hutz, 2015; Nunes et al., 2010). Não há consenso sobre a nomenclatura das dimensões do modelo dos cinco grandes fatores (Big5) (Hutz et al., 1998). Além disso, o número de fatores subjacentes a eles (subfatores ou facetas) pode variar de acordo com a pesquisa, por exemplo, pesquisas que utilizam o teste NEO-PI-R (Costa & McCrae, 2007) e pesquisas que utilizam a Bateria Fatorial de Personalidade (Nunes et al., 2010) diferem no número de facetas de todos os cinco fatores avaliados. Contudo, o número de dimensões (cinco) e seus conteúdos têm se mantido estáveis em variadas épocas e culturas pesquisadas (Caspi, Roberts, & Shiner, 2005; Costa, Terracciano, & McCrae, 2001; Digman, 1989; Goldberg, 1990; Hutz, et al., 1998; McCrae et al., 2004; Natividade & Hutz, 2015; Natividade & Hutz, 2016).

O fator que diz respeito à maneira como as pessoas interagem com os demais, à quantidade e à intensidade de interações sociais é denominado extroversão (Nunes et al., 2010). Destaca-se por busca por estimulação social e capacidade em alegrar-se e comunicar-se (Nunes et al., 2010). Pessoas com níveis altos de extroversão tendem a ser sociáveis, ativas, falantes, otimistas e afetuosas. Além disso, altos níveis nesse fator indicam pessoas que têm facilidade para iniciar conversas e revelar aspectos íntimos de si mesmas. Já aquelas com baixos níveis de extroversão tendem a ser reservadas, sóbrias, indiferentes, independentes e quietas, mas não necessariamente inamistosas (Nunes, et al., 2010; Pervin & John, 2004).

O fator socialização refere-se a características de relacionamento interpessoal direcionadas aos outros, destaca os tipos de interação que vão da compaixão ao antagonismo (Nunes et al., 2010). Pessoas com pontuações altas em socialização são afetuosas, agradáveis, amáveis, cooperativas, altruístas (Nunes et al., 2010). Elas são pessoas preocupadas com os outros e agem de forma a atender as demandas alheias; ainda, acreditam que as outras pessoas irão comportar-se da

mesma forma (Nunes et al., 2010; Pervin & John, 2004). Aqueles com baixos escores em socialização tendem a ser pessoas cínicas, não cooperativas e irritáveis, por vezes podem ser pessoas manipuladoras, vingativas e implacáveis (Nunes et al., 2010).

Realização é um fator que salienta o grau de organização, persistência, controle e motivação para atingir metas (Nunes et al., 2010). Destaca aspectos de planejamento e força de vontade para realização de tarefas (Nunes et al., 2010). Pessoas que têm altos escores nesse fator tendem a ser organizadas, confiáveis, trabalhadoras, decididas, pontuais, escrupulosas, ambiciosas e perseverantes (Nunes et al., 2010; Pervin & John, 2004). Enquanto as pessoas que são baixas em realização tendem a não ter clareza em seus objetivos, são menos rígidas em aplicar princípios morais e são desanimadas em lutar por objetivos; geralmente são descritas como não confiáveis, preguiçosas, descuidadas, negligentes e hedonistas (Nunes et al., 2010; Pervin & John, 2004).

Abertura para experiências se caracteriza por ser um fator norteador da busca e valorização de comportamentos exploratórios e inéditos (Nunes et al., 2010). Pessoas com altos escores em abertura costumam apreciar ideias novas no campo ético, social e político, são imaginativas, têm sensibilidade artística, podem questionar normas e ser pouco convencionais (Nunes et al., 2010; Pervin & John, 2004). Baixos níveis nesse fator retratam pessoas conservadoras, convencionais, com interesses menos amplos, com preferência ao que é familiar e com respostas emocionais contidas (Nunes et al., 2010; Pervin & John, 2004).

O fator escolhido como alvo nesta pesquisa, o neuroticismo, diz respeito ao ajustamento e à instabilidade emocional, representa a maneira como as pessoas lidam com um desconforto psicológico (Nunes et al., 2010). Níveis elevados nesse fator sugerem pessoas que vivenciam com mais intensidade sofrimentos emocionais, preocupações, irritação, melancolia, vergonha; descrevem pessoas com tendência à hostilidade, ansiedade, depressão, autocrítica e baixa tolerância à frustração (Nunes et al., 2010; Pervin & John, 2004). Por sua vez, escores baixos em neuroticismo indicam pessoas calmas, relaxadas e estáveis emocionalmente (Nunes et al., 2010; Pervin & John, 2004). No teste construído para a realidade brasileira para aferir os cinco grandes fatores, a Bateria Fatorial de Personalidade (Nunes et al., 2010), o neuroticismo mostrou-se composto por quatro facetas: depressão, vulnerabilidade, passividade e instabilidade emocional.

Mesmo constituindo uma única dimensão da personalidade, cada uma dessas facetas possui características específicas. Pessoas com altos escores na faceta depressão relatam expectativas negativas em relação ao futuro, sentimentos de solidão, tédio, ausência de objetivos claros, uma vida monótona, sem emoção e consideram-se incapazes de lidar com as dificuldades que surgem em suas vidas (Nunes et al., 2010). Escores baixos, por sua vez, indicam pessoas esperançosas em relação ao futuro, que minimizam eventos negativos, acreditam em sua capacidade para resolver problemas e, em níveis extremos, podem apresentar uma dificuldade para reconhecer problemas efetivos, que precisariam de uma estratégia de resolução (Nunes et al., 2010).

A faceta vulnerabilidade, ou insegurança, é marcada por quão intensamente as pessoas sofrem em decorrência do receio de aceitação dos outros. Pessoas com escores altos nessa faceta tendem a ter baixa autoestima e forte medo de abandono, isto é, que amigos e familiares se afastem em decorrência de erros que possam vir a cometer. Comportam-se, frequentemente, de maneira contrária à sua vontade ou aos seus valores, com o objetivo de agradar outras pessoas e evitar o abandono. Elas são pessoas inseguras, dependentes emocionalmente e têm dificuldade para tomar decisões (Nunes et al., 2010); já no extremo oposto, baixos níveis de vulnerabilidade indicam menor preocupação com as opiniões alheias e independência emocional em relação às outras pessoas. Em casos de escores muito baixos, pode haver frieza, individualismo excessivo e falta de sensibilidade para com os outros (Nunes et al., 2010).

A faceta passividade diz respeito a uma tendência a apresentar um comportamento de procrastinação, com grande dificuldade para iniciar e concluir tarefas. Mesmo em tarefas simples, pode faltar motivação para realizá-las. Afazeres longos ou difíceis podem ser especialmente problemáticos para pessoas com altos níveis de passividade. Pessoas com esse perfil necessitam de estimulação externa constante para que não abandonem tarefas ou planos de vida (Nunes et al., 2010). Além disso, com frequência, essas pessoas se absterem de tomar decisões sobre assuntos de seu interesse. Ao contrário, pessoas com baixos níveis de passividade tendem a ser naturalmente motivadas, proativas e entusiasmadas para realizar tarefas (Nunes et al., 2010).

Por fim, a faceta instabilidade emocional diz respeito ao quanto as pessoas descrevem-se como irritáveis, nervosas, com baixa tolerância à frustração e com

grandes variações de humor. Altos níveis nessa faceta indicam uma tendência a agir impulsivamente em situações de desconforto psicológico, tomando decisões precipitadas com relativa frequência. Pessoas com esse perfil podem mudar bruscamente de humor, sem razões aparentes, e ter muita dificuldade para controlar sentimentos negativos (Nunes et al., 2010). Baixos níveis nessa faceta, por outro lado, indicam pessoas que experimentam menos afetos negativos, apresentam uma maior constância de humor e controlam melhor os seus impulsos (Nunes et al., 2010). Em relação à mensuração das facetas de neuroticismo, elas têm sido acessadas preponderantemente de forma explícita, assim como as outras dimensões do modelo Big5, com medidas de autorrelato já bem estabelecidas na literatura (e.g., Costa & McCrae, 2007; Natividade & Hutz, 2015; Nunes et al., 2010). Mais recentemente, começou-se a investigar a possibilidade de avaliá-las também de forma implícita.

3.1.

Mensuração implícita em psicologia

Ao longo das três últimas décadas, a cognição social implícita tornou-se uma das abordagens mais influentes em psicologia social. Parte do seu sucesso se deve à possibilidade de acessar de maneira espontânea construtos historicamente considerados como de difícil mensuração (e.g., preconceito racial, estereótipos, autoestima), devido aos vieses decorrentes da introspecção e do manejo da autoimagem (Payne & Gawronski, 2010). É comum associar-se medida implícita à falta de consciência do respondente sobre suas respostas frente ao construto que está sendo avaliado, em contraste com medidas explícitas em que as pessoas sabem sobre o que estão respondendo (e.g., Gouveia, Athayde, Mendes, & Freire, 2012; James & Lebreton, 2011). No entanto, considerações sobre a consciência, ou não, perante o fenômeno avaliado têm se mostrado arena de árduas discussões no campo das medidas implícitas (ver Fazio & Olson, 2003; Gawronski, 2019; Petty, Fazio, & Briñol, 2008). No que há de consenso, considera-se que as medidas implícitas avaliam de modo indireto um construto, buscando acessar um fenômeno psicológico com o mínimo de processamento deliberativo possível (De Houwer & Moors, 2010). Ao contrário, medidas explícitas questionam diretamente o respondente sobre o construto alvo e permitem reflexão para fornecer a resposta (Petty et al., 2008). Pode-se citar como exemplos de medidas implícitas: *priming* avaliativo e teste de associação implícita (IAT); são exemplos

de medidas explícitas: escalas Likert e diferencial semântico (Gouveia et al., 2012; Petty et al., 2008).

Entre as medidas que podem ser consideradas implícitas, o teste de associação implícita tem se destacado por sua ampla gama de possibilidade de utilização para a mensuração de construtos variados (Gouveia et al., 2012; Hahn & Gawronski, 2015; Petty et al., 2008). Testes de associação têm sido utilizados para medir atitudes, estereótipos, preconceito, autoestima e personalidade (e.g., Greenwald & Farnham, 2000; Grumm & von Collani, 2007; Oliveira, Barbosa, & Gauer, 2012; Schnabel, Banse, & Asendorpf, 2006; Schmukle & Egloff, 2005; Victoria & Fontenelle, 2011; Victoria & Soares, 2008). Em linhas gerais, esse teste mede o tempo de resposta de associação de conceitos a categorias (Greenwald, McGee, & Schwartz, 1998). Ele é um teste de resolução de tarefas de associação, geralmente realizado por meio do computador (Teige-Mocigemba, Klauer, & Sherman, 2010).

Podem-se ressaltar vantagens e desvantagens no uso de medidas implícitas ou explícitas para acessar traços latentes. Entre as vantagens bem conhecidas das medidas explícitas destacam-se a ampla gama de evidências de validade, replicabilidade e sua adequação a modelos probabilísticos; entre as desvantagens podem-se ressaltar a interferência de eventuais dificuldades em introspecção dos respondentes e a possível manipulação ou falseamento de respostas (Greenwald et al., 2002; James & Lebreton, 2011). Em situações de pesquisa, a dificuldade de introspecção dos respondentes pode ser o principal empecilho ao uso de medidas explícitas, tendo em vista a ausência aparente de interesse em manipular respostas. Contudo, em contextos em que há interesse do respondente em evidenciar características pessoais que ele sabe serem valorizadas, como em situações de contratação para uma organização, permissão para porte de arma de fogo, permissão para operar determinados equipamentos etc., a manipulação das respostas pode se mostrar um problema crucial. Ainda que uma adequada avaliação psicológica não seja fundamentada apenas no resultado de um instrumento e haja medidas para tentar detectar manipulação de respostas, por exemplo, o uso de escalas de desejabilidade social, considera-se a possibilidade de manipulação e falseamento de respostas uma fraqueza importante de testes psicológicos explícitos (Greenwald et al., 2002).

As medidas implícitas, como o teste de associação implícita, por sua vez,

têm possibilidades de manipulação e falseamento pelo respondente bastante reduzidas (Cvencek, Greenwald, Brown, Gray, & Snowden, 2010; Steffens, 2004). Contudo, as medidas implícitas, comparadas às explícitas, apresentam problemas mais acentuados relacionados a validade e precisão (James & Lebreton, 2011). Entre esses problemas estão poucas evidências de consistência temporal (teste-reteste), fracas relações com construtos correlatos acessados de maneira explícita (Hofmann, Gawronski, Gschwendner, Le, & Schmitt, 2005) e pouco poder explicativo de comportamentos (Back, Schmukle, & Egloff, 2009). No que diz respeito à busca por soluções aos problemas das medidas implícitas, há de se considerar a relativa novidade na construção de instrumentos desse tipo, que se expandiu de fato no final da década de 1990 e início dos anos 2000 (Payne & Gawronski, 2010). Ainda assim, já se pode observar um incremento em procedimentos de medidas implícitas e uma crescente preocupação com evidências de validade e precisão de instrumentos para acessar construtos diversos (e.g., Hofmann et al., 2005; Greenwald, Nosek, & Banaji, 2003; Nosek, 2005; Teige-Mocigemba et al., 2010), inclusive traços de personalidade, a partir do modelo Big5.

3.2.

Mensuração implícita da personalidade

Como todo instrumento de mensuração de traço latente, os testes de associação implícita têm pressupostos teóricos que os embasam. Greenwald et al. (2002) propõem um modelo teórico-explicativo sobre os processos psicológicos que são aferidos pelo IAT. No que diz respeito à personalidade, os autores incorporam o acesso ao fenômeno no escopo das explicações sobre o autoconceito (Asendorpf, Banse, & Mücke, 2002; Greenwald et al., 2002). O modelo negocia com a possibilidade de o conhecimento sobre a realidade social ser formado a partir de uma rede de associações entre conceitos, tais como conceitos sobre pessoas, grupos, atributos (incluem-se entre atributos valências positiva ou negativa e qualidades). No centro dessa rede estaria o self e a ele estariam ligados outros conceitos. Características de personalidade seriam acessadas buscando-se as ligações entre o self e qualidades (atributos sem valência). Em um teste de associação implícita que se propõe a aferir o autoconceito relacionado a traços de personalidade, o foco seria medir a força das conexões entre o self e os atributos descritores da personalidade.

Entre os estudos utilizando o teste de associação implícita para aferir características individuais que se preocuparam em apresentar propriedades psicométricas, pode-se destacar a pesquisa de Schmukle, Back e Egloff (2008). Esses autores apresentaram satisfatórias evidências de validade e precisão de um instrumento para aferir os cinco grandes fatores de personalidade. A estrutura de cinco fatores do instrumento foi testada por análises fatoriais confirmatórias em dois estudos, duas amostras, e mostrou adequados índices de ajuste. Os coeficientes alfa de Cronbach de todos os fatores foram superiores a 0,70. Contudo, não foram apresentadas evidências de consistência temporal do instrumento e as correlações com medidas explícitas foram inferiores a 0,30. Em outra investigação sobre propriedades psicométricas de testes implícitos de personalidade, Grumm e von Collani (2007) consideraram adequados os índices de ajuste dos seus dados ao modelo de cinco fatores, além de também adequados índices de consistência interna. Igualmente para esses autores as correlações entre as medidas implícita e explícita mostraram-se fracas. Ainda, testes implícitos para aferir traços específicos, como ansiedade, obtiveram adequados índices de consistência interna (e.g., Egloff & Schmukle, 2002; Schnabel et al., 2006; Victoria & Soares, 2008).

Segundo o que tem sido reportado em estudos que utilizam testes de associação implícita para aferir traços, a estrutura e a consistência interna dos instrumentos condizem com os resultados de medidas explícitas (e.g., Grumm & von Collani, 2007; Schmukle et al., 2008). A estrutura de cinco fatores, e não de um único fator, se mostrou o modelo que melhor acomodou os dados em análises fatoriais confirmatórias realizadas em diferentes estudos (Grumm & von Collani, 2007; Schmukle et al., 2008). Esses resultados evidenciam que a atribuição de carga afetiva aos descritores da personalidade não representa uma ameaça à validade dos testes implícitos (Schnabel & Asendorpf, 2010) e que testes de associação implícita de personalidade não mediriam autoestima (Grumm & von Collani, 2007), mas aquilo que se propõem a medir: a força das associações entre o self e o conteúdo semântico de atributos sem valência (Asendorpf et al., 2002; Schnabel & Asendorpf, 2010). No entanto, ainda se observam algumas lacunas na busca de evidências de validade de medidas implícitas, como a pouca preocupação com a apresentação de resultados sobre a consistência temporal das medidas. Entre as poucas investigações que mostram coeficientes de correlação

teste re-teste na investigação do autoconceito, Bosson, Swann e Pennebaker (2000) encontraram um $r_{(31 \text{ dias})}=0,69$ para a autoestima. Além disso, comparadas às medidas explícitas, as medidas implícitas têm apresentado relações mais fracas com construtos correlatos (Back et al., 2009; Hofmann et al., 2005).

3.3.

Relações entre medidas de neuroticismo e outras variáveis

Em todo processo de construção de instrumentos psicológicos, é importante saber se a medida construída se relaciona de maneira esperada com outras variáveis (Pacico & Hutz, 2015; Pasquali, 2007). No caso das medidas implícitas, o problema das baixas correlações com medidas explícitas e o menor poder em prever comportamentos torna esse critério ainda mais discutido (Back et al., 2009; Hofmann et al., 2005; Rydell & McConnell, 2010). Não há consenso sobre os motivos envolvidos nas baixas correlações encontradas entre testes implícitos e explícitos (ver Fazio & Olson, 2003; Hofmann et al., 2005; Rydell & McConnell, 2010). O modelo MODE, proposto por Fazio e Olson (2003, 2014), postula duas formas distintas de processamento de informação, uma deliberada e outra automática, que são ativadas de acordo com a motivação e a oportunidade para uma análise consciente dos custos e benefícios envolvidos em um julgamento ou em uma ação. Esse modelo tem sido usado para explicar tanto as condições sob as quais se espera que medidas implícitas e explícitas apresentem altas ou baixas correlações (Fazio & Olson, 2003), quanto os diferentes tipos de comportamento que cada medida deve ser capaz de prever (Perugini, Richetin, & Zogmaister, 2010).

Medidas implícitas de personalidade têm apresentado baixas correlações com testes explícitos (e.g., Costantini et al., 2015; Grumm e von Collani, 2007; Schmukle et al., 2008). Uma metanálise recente envolvendo 70 estudos que testaram relações entre testes implícitos e explícitos de personalidade encontrou uma correlação implícita-explícita ponderada de 0,20 (De Cuyper et al., 2017). Esse padrão não é exclusivo dos testes de personalidade. Outra metanálise envolvendo 81 estudos sobre diferentes construtos encontrou um tamanho de efeito próximo a 0,24 (Hofmann et al., 2005). Algumas variáveis tiveram um papel moderador relevante nesse resultado, por exemplo, o conteúdo dos testes. Foram encontradas correlações mais baixas para construtos como estereótipos e autoestima e correlações mais altas para atitudes do consumidor ou atitudes frente

a flores e insetos (Hofmann et al., 2005). Esses resultados são consistentes com o que propõe o modelo MODE, segundo o qual as correlações entre testes implícitos e explícitos devem ser mais altas para assuntos mais “mundanos” (Hofmann et al., 2005), quando houver menor motivação para controlar as respostas explícitas em direção ao que seria socialmente desejável (Fazio & Olson, 2003). Apesar das baixas correlações, alguns autores defendem uma perspectiva de complementariedade entre as duas formas de medida (Hofmann et al., 2005). Nesse sentido, trata-se de compreender quando cada forma de medida será mais útil e, principalmente, sob quais condições medidas implícitas ou explícitas devem prever comportamentos de forma mais acurada (Fazio & Olson, 2003; Hofmann et al., 2005).

Há diferentes padrões para o estabelecimento da validade preditiva de medidas implícitas (Perugini et al., 2010). De acordo com o padrão aditivo, por exemplo, uma medida implícita deve ser capaz de explicar uma porção única de uma variável critério, para além do que é explicado pela medida explícita (Perugini et al., 2010). Seguindo esse padrão, Back et al. (2009) criaram uma situação social complexa com diferentes tipos de interação - apresentação pessoal em frente a uma câmera, visões sobre o futuro, situações de espera e de ajuda – para observar comportamentos característicos dos cinco grandes fatores de personalidade. No caso do neuroticismo, eles definiram como comportamentos típicos o nervosismo não verbal, a incerteza verbal e uma visão negativa sobre si mesmo. Os resultados mostraram as medidas implícitas de neuroticismo e extroversão como preditoras de comportamentos para além das medidas explícitas, embora tenha sido observado um menor poder explicativo dos testes implícitos, comparados aos explícitos. Os autores discutem a possibilidade de outros estudos distinguirem comportamentos controlados e espontâneos, a fim de avaliar, mais especificamente, o tipo de comportamento mais fortemente associado a cada forma de medida.

Essa distinção entre comportamentos controlados e espontâneos é feita pelos estudos que utilizam o padrão da dupla dissociação, segundo o qual medidas implícitas predizem comportamentos espontâneos e medidas explícitas predizem comportamentos deliberados, e não o contrário (Perugini et al., 2010). Modelos duais, como o MODE, propõem que essa relação é esperada, uma vez que medidas implícitas e comportamentos altamente automatizados proporcionam

baixa oportunidade para uma análise consciente da situação, ao contrário das medidas explícitas e dos comportamentos controlados (Asendorpf et al., 2002). Comportamentos não verbais, como adaptadores faciais e corporais, são considerados comportamentos espontâneos e comportamentos verbais são considerados comportamentos deliberados (Asendorpf et al., 2002; Perugini et al., 2010; Steffens & König, 2006). Embora essa estratégia se mostre promissora (Asendorpf et al., 2002; Steffens & König, 2006), estudos que fazem essa diferenciação são raros. A observação do comportamento como medida geralmente envolve altos custos, maior gasto de tempo e, nesse caso, uma dificuldade adicional para definir indicadores comportamentais adequados para os diferentes níveis de comportamentos (Schnabel & Asendorpf, 2010). Análises nessa perspectiva mostraram-se eficientes para explicar comportamentos espontâneos característicos de timidez e dos cinco grandes fatores de personalidade a partir da medida implícita e comportamentos deliberados com a medida explícita (Asendorpf et al., 2002; Steffens & König, 2006).

Uma alternativa à observação do comportamento como instrumento de medida é a elaboração de questões critério sobre comportamentos tipicamente relacionados ao construto alvo. Por exemplo, o neuroticismo se correlaciona negativamente com suporte social e positivamente com transtornos mentais (e.g., transtornos de humor; transtorno de personalidade borderline), comportamento sexual de risco e consumo de álcool (Lahey, 2009). Alguns estudos já usaram essa estratégia para testar a validade preditiva de testes de associação implícita de personalidade (e.g., Costantini et al., 2015; Schmukle et al., 2008). Embora algumas correlações significativas tenham sido encontradas (e.g., uma correlação negativa entre neuroticismo e velocidade máxima na direção de veículos; uma correlação positiva entre realização e leitura de literatura clássica), muitas relações esperadas entre testes implícitos e comportamentos não foram encontradas (Schmukle et al., 2008). Os testes explícitos apresentaram correlações mais fortes e com um maior número de comportamentos declarados (Costantini et al., 2015; Schmukle et al., 2008). É importante destacar que nenhuma das estratégias citadas de predição de comportamentos, até o momento, apresentou resultados conclusivos. Cada uma tem vantagens e desvantagens e o poder preditivo de medidas implícitas de personalidade ainda necessita ser mais bem compreendido (De Cuyper et al., 2017).

Para além da predição de comportamentos e relações com outros instrumentos que se propõem a medir o mesmo construto, a busca por evidências de validade pode incluir testes de diferenças entre grupos e correlações entre a medida construída e outros construtos (Pacico & Hutz, 2015; Primi, Muniz, & Nunes, 2009). Por exemplo, mulheres tendem a ter médias superiores aos homens em neuroticismo (Costa et al., 2001; Natividade & Hutz, 2015; Nunes et al., 2010) e esse padrão tem sido encontrado também em testes implícitos (e.g., Vianelloa, Schnabel, Sriram, & Nosek, 2013). Além disso, o neuroticismo é considerado um dos mais fortes influenciadores do bem-estar subjetivo (Woyciekoski, Natividade, & Hutz, 2014). Mais especificamente, pessoas altas em neuroticismo tendem a experienciar baixos níveis de satisfação de vida e afeto positivo e altos níveis de afeto negativo (Nunes, Hutz, & Giacomoni, 2009; Woyciekoski et al., 2014). Em um estudo que apresentou evidências de validade para uma escala reduzida de personalidade, o neuroticismo explicou negativamente a variância da satisfação de vida (Natividade & Hutz, 2015). Assim como o bem-estar subjetivo, a variância da autoestima também pode ser explicada negativamente pelo neuroticismo (Amirazodi & Amirazodi, 2011; Frost & Natividade, 2017; Ito, Gobitta, & Guzzo, 2007; Natividade & Hutz, 2016). Considerando o neuroticismo como um fator marcado por diferenças entre os sexos, além de relevante para a explicação do bem-estar subjetivo e da autoestima, estudos que se propõem a construir medidas implícitas de personalidade podem testar relações entre essas variáveis.

4

Justificativa

As medidas implícitas são uma possibilidade de medir adequada e confiavelmente diversos fenômenos psicológicos, inclusive a personalidade (De Cuyper et al., 2017; Dentale, Vecchione, & Barbaranelli, 2015). O uso de medidas implícitas tem permitido grandes avanços na área de psicologia social e sua utilidade na avaliação psicológica mostra-se uma arena aberta e urgente de investigações (Payne & Gawronski, 2010). Observa-se, porém, algumas lacunas na construção de instrumentos implícitos que se propõem a avaliar traços, como poucas evidências de consistência temporal, escolha de itens de forma arbitrária e poucas evidências de relações esperadas com outros construtos medidos de forma explícita (De Cuyper et al., 2017; Hofmann et al., 2005). Embora o neuroticismo já tenha sido investigado a partir de medidas implícitas (e.g., Grumm & von Collani, 2007; Schmukle et al., 2008), não foram encontrados estudos que exploraram o fator em todas as suas facetas, como sugerem De Cuyper et al. (2017), ou que realizaram um pré-teste empírico, a fim de selecionar palavras fortemente associadas às categorias.

A construção de testes de associação implícita para medir as facetas de neuroticismo pode suprir uma carência de instrumentos adequados ao contexto brasileiro que avaliem a personalidade de maneira indireta. Embora existam outras medidas que se propõem a avaliar aspectos da personalidade sem perguntar diretamente ao sujeito (e.g., testes projetivos), os principais instrumentos elaborados com base no modelo Big5 são explícitos (e.g., Costa & McCrae, 2007; Hauck Filho, Machado, Teixeira, & Bandeira, 2012; Natividade & Hutz, 2015; Nunes et al., 2010). A necessidade de reduzir o viés da desejabilidade social em instrumentos de personalidade é reconhecida (Costa & Hauck Filho, 2017). As medidas implícitas não são a única forma de aumentar a espontaneidade das respostas (e.g., Costa & Hauck Filho, 2017), mas têm se mostrado uma forma eficiente (De Cuyper et al., 2017). Caso este estudo apresente medidas com adequadas evidências de validade e precisão, ele poderá reforçar a necessidade de mudanças metodológicas no processo de construção de instrumentos implícitos (De Cuyper et al., 2017), principalmente em relação ao procedimento comumente utilizado para a seleção de itens (e.g., Grumm & von Collani, 2007; Schmukle et

al., 2008). As novas medidas podem também apresentar evidências de validade e precisão mais robustas, em comparação com outros estudos (e.g., Grumm & von Collani, 2007; Schmukle et al., 2008), considerando-se instrumentos capazes de aferir todas as facetas do neuroticismo, os indicadores de consistência temporal e as relações com outras variáveis relevantes no estudo da personalidade, como o bem-estar subjetivo, a autoestima e comportamentos típicos do fator neuroticismo, a partir de questões critério.

Acredita-se que as técnicas comuns da área psicométrica, como procedimentos estatísticos e de construção de instrumentos, possam ser incorporadas aos testes implícitos contribuindo tanto no incremento das medidas, como na construção de modelos teóricos que delas se utilizam. Em termos práticos, em situações de avaliação psicológica, a possibilidade de manipulação de resultados no fator neuroticismo pode gerar consequências negativas imediatas. Por exemplo, o falseamento de respostas em neuroticismo pode contribuir com a liberação para porte de arma de fogo para uma pessoa com altos níveis de instabilidade emocional; ou mesmo, em casos menos drásticos, contribuir com a contratação de uma pessoa com níveis altos de passividade para um cargo que exige prazos curtos para cumprir tarefas. O uso do IAT como critério diagnóstico em contextos aplicados, como a seleção de pessoal, ainda é visto com cautela (Siers & Christiansen, 2013) e considerado prematuro (De Cuyper et al., 2017), mas o acúmulo de evidências de validade em diferentes culturas pode vir a revelar uma ferramenta confiável. O neuroticismo acessado implicitamente tem se destacado como o fator de personalidade com maior poder explicativo de comportamentos (Back et al., 2009). Por sua importância prática e pelos resultados que vêm sendo revelados na literatura científica (e.g., Back et al., 2009; Grumm & von Collani, 2007; Schmukle et al., 2008; Steffens & König, 2006), julga-se esse fator um adequado ponto de partida para a mensuração implícita da personalidade no contexto brasileiro.

5

Presente estudo

Elaborou-se esta pesquisa com os objetivos de construir e buscar evidências de validade de medidas implícitas para aferir as facetas de neuroticismo. Buscou-se apresentar evidências de validade baseadas no conteúdo, na estrutura interna e nas relações com outras variáveis. Ainda, testou-se a precisão dos instrumentos por meio de índices de consistência interna e teste-reteste. Para tanto, foram realizados dois estudos. O primeiro estudo consistiu em um procedimento empírico para seleção de itens e o segundo, na prova empírica das medidas.

6

Estudo 1: elaboração dos Itens

6.1.

Método

6.1.1.

Participantes

Participaram 408 estudantes universitários. Os participantes foram divididos em cinco grupos, de acordo com a tarefa que responderam: 105 participantes responderam à tarefa elaborada para as categorias relacionadas ao indivíduo; 71, para as categorias representativas da faceta depressão; 78, para insegurança; 77, para passividade; 77, para instabilidade emocional.

6.1.2.

Procedimentos

6.1.2.1.

Éticos

A coleta de dados para esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), sob o protocolo de número 712.724. Todos os procedimentos do estudo atenderam às recomendações da Resolução número 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, que versa sobre os aspectos éticos da pesquisa com seres humanos. Os participantes foram solicitados a preencher o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, em duas vias, atestando a sua livre deliberação em participar da pesquisa. Eles foram esclarecidos quanto aos objetivos do estudo, ao envolvimento na pesquisa, à liberdade para desistir de participar da pesquisa a qualquer momento e informados que, ao responderem ao questionário, autorizavam a publicação dos resultados em eventos e publicações científicas.

6.1.2.2.

De coleta

Os participantes foram abordados presencialmente, no campus da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), e convidados para participar de uma pesquisa sobre personalidade. Havia a opção de responder à pesquisa imediatamente, para aqueles que tinham disponibilidade, ou de agendar

um horário para ir até o Laboratório de Pesquisa em Psicologia Social (L2PS), onde a pesquisa foi realizada. Quando os participantes chegavam ao laboratório, eles eram instruídos sobre os seus direitos e sobre como a pesquisa funcionaria. Além disso, eles recebiam abafadores de ruídos e eram direcionados para computadores separados por divisórias, a fim de assegurar um ambiente de coleta silencioso e com poucos estímulos visuais.

6.1.2.3.

De elaboração dos itens

Inicialmente, selecionaram-se palavras representativas do indivíduo e das facetas de neuroticismo, em seus extremos alto e baixo, conforme procedimento padrão para a construção de IATs que avaliam o autoconceito (e.g., Greenwald & Farnham, 2000). Optou-se por nomear as categorias relacionadas ao indivíduo como Eu (categoria alvo) e Outro (categoria opositora) e as categorias representativas das facetas de neuroticismo como Depressão (categoria alvo) e Felicidade (categoria opositora); Insegurança (categoria alvo) e Segurança (categoria opositora); Passividade (categoria alvo) e Atividade (categoria opositora); Instabilidade (categoria alvo) e Estabilidade (categoria opositora). Em seguida, dois pesquisadores, independentemente, usaram a lista elaborada na etapa anterior para selecionar as palavras que melhor representassem as dez categorias. Um terceiro pesquisador compilou as duas seleções feitas anteriormente e julgou a adequação das palavras às definições dos construtos. Por fim, obteve-se uma lista de 26 palavras para representar o indivíduo; 33 palavras para a faceta depressão; 30 palavras para a faceta insegurança; 32 palavras para a faceta passividade; 38 palavras para a faceta instabilidade emocional, totalizando 159 palavras.

6.1.2.4.

Teste empírico dos itens

A partir dos conjuntos de itens elaborados na etapa anterior, configurou-se uma tarefa do tipo Go/No-Go (Nosek & Banaji, 2001) para testar empiricamente as associações das palavras às categorias. A tarefa se deu por meio de computador. No canto superior direito da tela, aparecia uma categoria, enquanto no centro da tela aparecia uma palavra representativa, ou não, da categoria. Na tarefa elaborada para as categorias relacionadas ao indivíduo (Eu e Outro), os participantes informavam seus nomes e sobrenomes antes de iniciar a tarefa, para que essas informações fossem usadas como estímulos representativos da categoria

Eu. Para essas categorias, cada palavra permanecia na tela por 0,7 segundos; já para as categorias das facetas de neuroticismo, cada palavra permanecia na tela por 0,9 segundos. A duração com que as palavras permaneciam na tela foi selecionada de acordo com o tempo comumente usado em tarefas Go/No-Go (Nosek & Banaji, 2001). Além disso, três juízes avaliaram se o tempo escolhido era suficiente para ler e compreender o conteúdo das palavras. Caso a palavra fosse representativa da categoria, o participante deveria apertar a barra de espaço no teclado do computador, o mais rápido possível, antes de o tempo máximo ser atingido; caso não fosse representativa, ele não deveria apertar nenhuma tecla. As mesmas palavras apareciam mais de uma vez para cada participante e todas as respostas dos participantes foram consideradas na análise dos dados.

6.1.2.5.

De análise

Calcularam-se as médias de tempo de associação das palavras às suas respectivas categorias e suas taxas de acerto. Os critérios para a seleção dos itens, a partir das respostas à tarefa, foram: as oito palavras de cada categoria com maiores taxas de acerto e, em caso de valores idênticos, menor tempo de associação entre a palavra e a categoria.

6.2.

Resultados

Ao todo, foram selecionadas 80 palavras – 16 para cada par de categorias, sendo oito para cada categoria alvo e oito para cada categoria opositora. As Tabelas 1, 2, 3, 4 e 5 apresentam as palavras selecionadas para as categorias relacionadas ao indivíduo, à faceta depressão, à faceta insegurança, à faceta passividade e à faceta instabilidade emocional, respectivamente, junto com as suas respectivas taxas de acerto e médias de tempo de associação.

Tabela 1
Palavras Seleccionadas para as Categorias Eu e Outro

Palavras	Acertos (%)	<i>M</i> (milissegundos)	<i>DP</i>
Nome*	93,9	486,23	71,99
Beltrano**	91,9	503,57	74,79
Eu*	91,8	465,33	87,58
Sobrenome*	91,7	503,78	70,23
Sicrano**	91,0	505,24	76,56
Meu*	90,4	473,73	80,69
Mim*	89,4	472,69	78,16
Me*	89,3	469,73	89,59
Deles**	89,2	497,44	80,53
Outro**	87,5	508,21	78,68
Fulano**	86,7	513,52	75,40
Eles**	86,4	496,34	91,03
Delas**	86,4	508,16	86,85
Outra**	85,7	518,36	93,81
Comigo*	85,6	509,55	82,18
Meus*	81,8	501,24	84,86
Tenho	81,5	504,06	91,78
Faço	81,2	524,00	79,15
Elas	79,7	510,44	93,22
Quero	79,7	511,89	78,38
Dela	79,0	511,60	100,40
Preciso	78,0	525,80	66,00
Alguém	77,2	513,48	89,65
Minhas	74,0	516,07	86,19
Ele	71,6	516,14	86,34
Elas	69,7	525,32	94,93

Nota. * palavra seleccionada para a categoria Eu; ** palavra seleccionada para a categoria Outro.

Tabela 2
Palavras Seleccionadas para as Categorias Depressão e Felicidade

Palavras	Acertos (%)	<i>M</i> (milissegundos)	<i>DP</i>
Negativista*	98,3	524,21	86,25
Cabisbaixo*	97,7	551,42	90,18
Pessimista*	97,3	524,31	82,68
Desesperançoso*	97,2	556,19	92,88
Deprimido*	97,1	519,28	90,47
Depressivo*	96,8	521,91	95,66
Tristonho*	96,7	527,02	86,94
Desiludido*	96,3	525,92	88,40
Desalentado	96,3	574,00	115,69
Sorridente**	96,0	512,68	81,11
Lamentoso	96,0	549,97	95,45
Alegre**	95,8	492,91	92,51
Angustiado	95,8	545,59	93,54
Choroso	95,7	528,99	89,35
Feliz**	95,6	477,67	81,50
Desanimado	95,3	535,00	87,85
Positivo**	95,1	505,25	82,02
Melancólico	95,0	541,86	84,57
Isolado	95,0	561,14	101,36
Radiante**	94,6	556,20	105,40
Jovial**	94,2	537,92	93,57
Alto-astral**	94,1	570,88	99,01
Contente**	94,0	530,34	95,04
Triste	93,7	528,14	105,42
Sem esperança	93,2	569,54	100,02
Otimista	92,6	514,46	78,79
Abatido	92,3	543,73	96,03
Satisfeito	92,2	551,22	98,19
Risonho	91,7	539,68	101,15
Infeliz	91,7	543,70	89,08
Arrasado	90,6	565,53	114,03
Baixo-astral	90,0	571,77	113,38
Esperançoso	85,4	575,63	93,16

Nota. * palavra seleccionada para a categoria Depressão; ** palavra seleccionada para a categoria Felicidade.

Tabela 3
*Palavras Selecionadas para as Categorias Insegurança e
 Segurança*

Palavras	Acertos (%)	<i>M</i> (milissegundos)	<i>DP</i>
Medroso*	93,6	559,1	98,85
Forte**	91,9	529,89	90,97
Confiante**	90,9	543,96	106,10
Submisso*	90,6	606,1	111,39
Firme**	90,4	551,75	108,71
Autoconfiante**	90,3	590,25	106,40
Inseguro*	89,7	569,69	102,06
Indeciso*	87,7	586,58	112,90
Autônomo**	87,3	607,76	119,35
Seguro**	86,6	569,21	111,45
Fraco*	85,7	568,82	112,86
Decidido**	84,9	598,59	114,39
Receoso*	83,9	600,83	114,56
Duvidoso*	83,8	611,11	114,98
Influenciável*	83,4	636,79	116,77
Vulnerável	83,0	602,52	98,90
Carente	82,9	601,58	117,36
Preocupado	81,0	605,29	120,70
Ousado**	80,8	591,29	115,02
Manipulável	80,6	613,60	106,80
Assertivo	77,2	616,54	111,34
Hesitante	75,8	620,29	117,18
Resoluto	75,5	624,57	114,71
Atrevido	75,4	610,74	128,41
Sensível	73,1	594,60	124,05
Apreensivo	70,6	638,04	118,54
Independente	69,7	654,17	131,10
Inibido	67,6	612,50	126,79
Dependente	59,5	650,64	122,30
Desinibido	47,7	681,79	127,59

Nota. * palavra selecionada para a categoria Insegurança;
 ** palavra selecionada para a categoria Segurança.

Tabela 4
Palavras Selecionadas para as Categorias Passividade e Atividade

Palavras	Acertos (%)	<i>M</i> (milissegundos)	<i>DP</i>
Ativo**	97,5	501,45	88,75
Enérgico**	94,8	534,49	84,89
Ágil**	94,4	531,77	98,01
Lento*	94,4	549,67	106,49
Elétrico**	94,3	534,14	90,3
Vivaz**	93,4	533,41	85,99
Sem vontade*	93,0	544,48	73,94
Desmotivado*	92,8	557,53	99,83
Estimulado**	92,8	581,83	105,01
Ineficiente*	91,6	576,50	96,15
Desinteressado*	91,4	567,88	92,77
Devagar*	91,2	553,48	94,62
Motivado**	91,1	549,63	99,39
Apagado*	91,1	570,13	98,19
Preguiçoso*	91,0	552,35	86,85
Inativo	90,7	591,79	110,80
Eufórico**	90,5	568,01	107,54
Empolgado	90,2	565,95	104,81
Pilhado	90,2	558,48	91,49
Exaltado	89,7	562,29	116,49
Cansado	88,9	570,80	103,53
Vigoroso	88,9	577,57	103,08
Interessado	88,7	619,77	105,44
Proativo	88,6	586,36	105,91
Entusiasmado	88,4	604,82	106,98
Indolente	87,5	589,94	109,36
Inerte	87,1	566,07	98,78
Apático	84,6	586,34	88,46
Letárgico	83,5	605,01	101,37
Passivo	80,4	586,63	100,20
Procrastinador	77,5	615,61	108,74
Disposto	77,4	615,09	110,03

Nota. * palavra selecionada para a categoria Passividade; ** palavra selecionada para a categoria Atividade.

Tabela 5
Palavras Seleccionadas para as Categorias Instabilidade e Estabilidade

Palavras	Acertos (%)	<i>M</i> (milissegundos)	<i>DP</i>
Zangado*	94,3	550,84	97,70
Equilibrado**	93,1	572,87	102,83
Nervoso*	92,8	548,75	119,52
Irritado*	92,3	549,03	93,96
Pavio-curto*	91,2	591,93	93,88
Irritável*	91,1	575,28	118,30
Satisfeito**	90,9	561,71	104,33
Calmo**	90,8	540,62	105,76
Sereno**	90,6	579,96	104,75
Mal-humorado*	90,3	606,43	111,66
Tranquilo**	90,0	557,32	102,76
Paciente**	89,2	572,69	112,45
Impulsivo*	88,4	585,49	114,60
Estável**	88,0	559,19	92,07
Estressado*	87,7	599,88	108,45
Bem-humorado**	87,3	614,28	104,37
Tenso	85,3	562,30	111,59
De lua	85,1	557,38	82,24
Regular	83,8	571,59	110,50
Inconstante	83,5	626,07	132,25
Consistente	82,3	625,66	140,51
Ajustado	82,0	612,52	115,83
Controlado	81,7	597,96	122,93
Impaciente	81,5	601,45	110,78
Sossegado	81,1	617,99	113,25
Ansioso	80,3	573,30	103,35
Oscilante	78,0	629,28	113,18
Instável	76,6	617,99	119,36
Temperamental	73,4	646,65	121,28
Precipitado	73,2	657,22	108,98
Previsível	67,3	606,24	130,03
Despreocupado	61,5	646,24	106,98
Descontraído	58,8	653,95	115,59
Não emotivo	56,9	673,87	122,20
Inabalável	51,9	698,91	101,06
Imperturbável	49,0	710,40	110,02
Emotivo	36,7	639,14	134,50
Impassível	33,2	683,23	128,17

Nota. * palavra seleccionada para a categoria Instabilidade;
 ** palavra seleccionada para a categoria Estabilidade.

7

Estudo 2: teste empírico das medidas

Neste estudo, as palavras selecionadas previamente foram implementadas em testes de associação implícita, a fim de buscar mais evidências de validade para os instrumentos. Para tanto, realizou-se um estudo em quatro etapas similares, sendo que cada etapa correspondeu ao teste empírico de uma das facetas de neuroticismo: depressão (etapa 1), insegurança (etapa 2), passividade (etapa 3) e instabilidade emocional (etapa 4). O procedimento foi semelhante ao que já tem sido descrito na literatura para aferir atitudes, autoestima e personalidade (e.g., Greenwald & Farnham, 2000; Greenwald et al., 1998; Grumm & von Collani, 2007; Oliveira et al., 2012; Schnabel et al., 2006; Schmukle & Egloff, 2005; Victoria & Fontenelle, 2011; Victoria & Soares, 2008).

7.1.

Etapa 1: faceta depressão

7.1.1.

Método

7.1.1.1.

Participantes

Participaram 98 pessoas, sendo 62,2% mulheres ($n = 61$), com média de idade 21,9 anos ($DP = 6,14$, $Min = 18$, $Max = 61$), moradoras da cidade do Rio de Janeiro. Quanto à escolaridade, 13,3% tinham até o ensino médio completo ($n = 13$); 79,6%, o ensino superior incompleto ($n = 78$); e 7,1%, do ensino superior completo à pós-graduação completa ($n = 7$).

7.1.1.2.

Instrumentos

Os participantes responderam ao IAT construído neste estudo para aferir traços depressivos e a um questionário on-line com questões sociodemográficas (sexo, idade e escolaridade); questões controle, para identificar possíveis respostas aleatórias aos instrumentos; escalas de autorrelato de personalidade, autoestima e bem-estar subjetivo; e questões critério sobre comportamentos típicos de neuroticismo e da faceta depressão. As questões critério relacionadas ao fator neuroticismo questionavam se o participante já havia feito ou estava fazendo terapia (sim ou não); se o participante havia consumido algum tipo de bebida

alcoólica, na semana anterior (sim ou não); se o participante já havia feito ou estava fazendo uso de alguma medicação para tratamento psicológico (sim ou não); quantos amigos próximos o participante tinha, aproximadamente (0 a 99 ou mais); com quantas pessoas o participante acreditava que podia realmente contar (amigos, familiares, etc.) (0 a 99 ou mais); e quantas vezes o participante havia feito sexo desprotegido, aproximadamente, no último mês (0 a 99 ou mais). Já as questões critério elaboradas especificamente para a faceta depressão questionavam o quanto o participante acreditava que coisas boas aconteceriam em seu futuro (0 = não acredito que coisas boas acontecerão em minha vida, 100 = coisas boas definitivamente acontecerão em minha vida); se o participante havia tido dificuldade para segurar o choro, em algum momento da semana anterior (sim ou não); se o participante chegou a pensar que a vida não valia a pena, em algum momento da semana anterior (sim ou não); e se o participante se sentiu sem forças para sair de casa, no dia anterior (sim ou não).

Medida implícita de traços depressivos. As palavras selecionadas na etapa anterior (Tabela 1 e Tabela 2) foram implementadas em uma versão computadorizada do IAT, construída e aplicada por meio do software Inquisit (Draine, 2011). Optou-se por uma estrutura de sete blocos para a medida, sendo que três blocos tinham a função de treino e os outros quatro, a função de teste. Em um primeiro momento, os participantes informavam seus nomes e sobrenomes, para que essas palavras aparecessem como estímulos representativos da categoria Eu. Depois, eles eram informados sobre quais palavras pertenciam a cada categoria e sobre como deveriam proceder para responder ao teste. A tarefa do participante consistia em associar as palavras que apareciam no centro da tela às categorias corretas o mais rápido que conseguisse e errando o mínimo possível. Quando a palavra se referia a uma categoria localizada no canto superior esquerdo da tela, o participante deveria apertar a tecla “E”; se a palavra pertencesse a uma categoria localizada no canto superior direito, o participante deveria apertar a tecla “I”. As palavras apareciam em ordem aleatória, tanto nos blocos treino, quanto nos blocos teste. Nos blocos 3 e 6, cada palavra aparecia apenas uma vez para o participante (um *trial*); já nos blocos 4 e 7, cada palavra aparecia duas vezes (dois *trials*). Os adjetivos biformes foram flexionados de acordo com o gênero dos participantes, a fim de evitar vieses (Natividade, Barros, & Hutz, 2012). Todos os participantes responderam aos sete blocos na mesma ordem. A ordem, as

categorias e o número de *trials* dos blocos podem ser visualizados na Tabela 6.

Tabela 6
Sequência de Blocos e Trials da Medida Implícita de Traços Depressivos

Blocos	Nº de trials	Função	Categorias à esquerda	Categorias à direita
1	20	Treino	Eu	Outro
2	20	Treino	Depressão	Felicidade
3	32	Teste	Eu e Depressão	Outro e Felicidade
4	64	Teste	Eu e Depressão	Outro e Felicidade
5	20	Treino	Outro	Eu
6	32	Teste	Outro e Depressão	Eu e Felicidade
7	64	Teste	Outro e Depressão	Eu e Felicidade

Bateria Fatorial de Personalidade (BFP) (Nunes et al., 2010). Esse instrumento afere os cinco grandes fatores de personalidade e as suas facetas: Extroversão (Comunicação, Altivez, Dinamismo e Interações Sociais), Socialização (Amabilidade, Pró-sociabilidade e Confiança nas Pessoas), Realização (Competência, Ponderação/Prudência, Empenho/Comprometimento), Neuroticismo (Vulnerabilidade, Instabilidade emocional, Passividade e Depressão) e Abertura (Abertura a ideias, Liberalismo e Busca por novidades). Trata-se de uma medida com 126 itens em formato de afirmativas, em que o participante deve julgar o quanto concorda com cada uma delas, em uma escala de sete pontos. São exemplos de itens: “estou cansado de viver”, “sou uma pessoa irritável”. No estudo de Nunes et al., os coeficientes alfa dos fatores variaram de 0,74 a 0,89.

Escala Reduzida de Descritores de Personalidade (RED5) (Natividade & Hutz, 2015). Essa medida acessa os cinco grandes fatores por meio de 20 itens em formato de adjetivos ou pequenas expressões, por exemplo: “ansiosa(o)”, “tranquila(o)”, “aberto(a) a novas experiências”. Cada fator de personalidade é composto por quatro itens. Os participantes devem julgar o quanto cada adjetivo ou expressão os descreve adequadamente, em uma escala de sete pontos. No estudo de Natividade e Hutz, os coeficientes alfa dos fatores variaram de 0,59 a 0,84.

Escala de Autoestima de Rosenberg (Hutz & Zanon, 2011; versão brasileira do original de Rosenberg, 1965). Essa escala, unifatorial, afere a autoestima por meio de dez itens em formato de afirmativas. Os participantes são

solicitados a declarar o quanto concordam com cada uma delas, em uma escala de quatro pontos. São exemplos de itens: “no conjunto, eu estou satisfeito comigo”, “às vezes eu me sinto inútil”. No estudo de Hutz e Zanon, a escala apresentou coeficiente alfa de 0,90.

Escala de Satisfação de Vida - ESV (Hutz, Zanon, & Bardagi, 2014; versão brasileira do original de Diener, Emmons, Larsen, & Griffin, 1985). Esse instrumento avalia o componente cognitivo do bem-estar subjetivo por meio de cinco itens, explicados por um único fator. Os itens são respondidos em uma escala de sete pontos, em que o participante deve assinalar o quanto concorda com as afirmativas que lhes são apresentadas. São exemplos de itens: “a minha vida está próxima do meu ideal”, “eu estou satisfeito com a minha vida”. Não é apresentado o valor de coeficiente alfa, no estudo de Hutz et al.

Escala de Afetos Positivos e Negativos - PANAS (Zanon & Hutz, 2014; versão brasileira da escala de Watson, Clark, & Tellegen, 1988). Essa escala avalia as dimensões afetivas do bem-estar subjetivo: afeto positivo e afeto negativo. Cada fator é composto por dez itens, que são apresentados em formato de adjetivos e representam emoções comumente experimentadas por pessoas, por exemplo: “angustiado(a)”, “aflito(a)”, “entusiasmado(a)”. Os participantes são solicitados a assinalar, em uma escala de cinco pontos, o quanto os adjetivos descrevem a maneira como eles têm se sentido ultimamente. Não são apresentados os valores de coeficientes alfa, no estudo de Zanon e Hutz.

7.1.1.3.

Procedimentos

7.1.1.3.1.

Éticos

Os procedimentos éticos foram idênticos aos descritos no estudo 1.

7.1.1.3.2.

De coleta

Os procedimentos de coleta foram idênticos aos descritos no estudo 1, exceto que 34 participantes retornaram ao laboratório cerca de 30 dias após a primeira coleta, para responder novamente à medida implícita de traços depressivos.

7.1.1.3.3.

De análise

Primeiramente, eliminaram-se das análises os participantes que erraram as questões controle, assim como aqueles que obtiveram uma taxa de acerto inferior a 70% no IAT ou mais de 10% das respostas com tempo inferior a 300 milissegundos (Greenwald et al., 2003; Grumm & von Collani, 2007). Depois, realizou-se a transformação logarítmica dos tempos de resposta, conforme procedimento padrão descrito na literatura (Schmukle et al., 2008). Para o cálculo dos itens do IAT, as palavras das categorias Depressão e Felicidade foram transformadas em pares (e.g., negativista e positivo), também conforme procedimento sugerido em estudos anteriores (Grumm & von Collani, 2007; Schmukle et al., 2008). O valor do item consistiu na subtração entre a média de tempo de associação dos *trials* de cada par nos blocos congruentes (6 e 7) e a média de tempo de associação dos *trials* desse mesmo par nos blocos incongruentes (3 e 4). Assim, para cada par de palavras, os participantes tinham um escore de associação, que foi utilizado como valor do item. A fim de testar a estrutura da medida, realizou-se uma Análise Fatorial Exploratória (AFE) com o método Eixos Principais, por meio do software jamovi, versão 1.0 (The jamovi project, 2019). Os índices de precisão da medida foram obtidos por meio dos coeficientes alfa, ômega e correlação de Pearson entre os dois momentos de aplicação do teste, também com o software jamovi. Para obter uma média de associação de cada participante, calculou-se o escore D, conforme procedimento sugerido por Greenwald et al. (2003). Entre outros pormenores, o cálculo inclui a subtração das médias de associação obtidas nos blocos teste 3 e 6, 4 e 7, divisão dessa subtração pelos respectivos desvios-padrões, média dos resultados da divisão. O escore D corresponde a uma medida padronizada para a tendência de o participante associar a categoria alvo a si mesmo (pode ser comparado a uma média em uma escala explícita). A partir dos escores D calcularam-se coeficientes de correlação de Pearson e testes *t* de Student, por meio do software SPSS, versão 23 (IBM, 2015), a fim de obterem-se evidências de validade baseadas nas relações com outras variáveis.

7.1.2.

Resultados

7.1.2.1.

Estrutura e precisão

O procedimento de cálculo dos itens descrito acima resultou em um conjunto de oito pares de palavras, que foram submetidos a uma Análise Fatorial com método de Eixos Principais e rotação oblíqua. Inicialmente, constatou-se adequação dos dados à fatorização, $KMO = 0,81$ e teste de esfericidade de Bartlett: $\chi^2(28, N = 98) = 127; p < 0.001$. Uma análise paralela de *eigenvalues* aleatórios, 500 amostras *bootstrap*, mostrou que o último *eigenvalue* observado maior que o simulado foi o do Fator I (Fator I: *eigenvalue* observado = 2,17, *eigenvalue* simulado = 0,54; Fator II: *eigenvalue* observado = 0,27 e *eigenvalue* simulado = 0,35). Esse fator explicou 27,4% da variância dos dados. O *scree plot* também mostrou a emergência de um único fator. Diante desses resultados considerou-se adequada a extração de um único fator. Os índices de adequação dos dados ao modelo de fator único também se mostraram satisfatórios: $\chi^2(20, N = 98) = 15,5; p = 0,75; \chi^2/gl = 0,77; Tucker-Lewis Index (TLI) = 1,07; Root Mean Square Error of Approximation (RMSEA) = 0,00$ (CI90% = 0,00 – 0,06); *Standardized Root Mean Square Residual (SRMR) = 0,07* (Brown, 2006). Os itens, suas respectivas cargas fatoriais e comunalidades podem ser vistos na Tabela 7. No que diz respeito aos indicadores de fidedignidade, os coeficientes alfa e ômega foram de 0,75, mostrando-se adequados (Nunnally, 1978). Ainda, o coeficiente de correlação de Pearson obtido entre os dois momentos de aplicação da medida (intervalo de 30 dias) foi de 0,62, $p < 0,001$.

Tabela 7

Cargas Fatoriais e Comunalidades dos Itens a Partir de uma Análise Fatorial de Eixos Principais

Itens	Cargas fatoriais	h^2
Negativista/Positivo(a)	0,61	0,37
Desiludido(a)/Radiante	0,59	0,35
Pessimista/Jovial	0,56	0,32
Cabisbaixo(a)/Alto-astral	0,50	0,26
Desesperançoso(a)/Sorridente	0,50	0,25
Tristonho(a)/Alegre	0,49	0,24
Depressivo(a)/Contente	0,47	0,23
Deprimido(a)/Feliz	0,45	0,20
<i>Eigenvalue</i>	2,15	
% variância explicada	27,4	
Coeficiente alfa	0,75	
Coeficiente ômega	0,75	
Coeficiente Teste-reteste ^a	0,62	

Nota. $N = 98$. ^a tempo aproximado entre teste-reteste de 30 dias, $n = 34$.

7.1.2.2.

Relações com outras variáveis

A fim de buscar mais evidências de validade, testaram-se correlações de Pearson entre a medida construída e outras variáveis. A Tabela 8 mostra as correlações encontradas entre traços depressivos implícitos (IAT), os cinco grandes fatores de personalidade (BFP e RED5), as dimensões do bem-estar subjetivo, a autoestima e as questões critério. Depressão implícita se correlacionou positivamente com o fator Neuroticismo (RED5) e negativamente com satisfação de vida, autoestima e expectativas positivas em relação ao futuro. Ainda, a Tabela 9 mostra as correlações entre a medida construída e as facetas da BFP. Encontraram-se correlações negativas entre depressão implícita e as facetas Comunicação (BFP), Altivez (BFP), Dinamismo (BFP) e Confiança nas Pessoas (BFP); e correlação positiva entre depressão implícita e a faceta Depressão (BFP).

Tabela 8

Coefficientes de Correlação de Pearson entre Depressão Implícita (IAT), Personalidade (BFP e RED5), Bem-estar subjetivo, Autoestima e Questões Critério

	<i>M</i>	<i>DP</i>	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.	9.	10.	11.	12.	13.	14.	15.	16.	17.	18.
1. Depressão Implícita	-0,50	0,38	(0,75)																	
2. Narcisismo (BFP)	3,67	1,04	0,19	(0,91)																
3. Reversão (BFP)	4,04	0,98	-0,25*	-0,22*	(0,92)															
4. Realização (BFP)	5,34	0,56	-0,05	-0,27**	0,06	(0,81)														
5. Realização (BFP)	4,76	0,66	0,02	-0,36**	0,11	0,13	(0,82)													
6. Perturbação (BFP)	5,12	0,71	-0,001	0,003	0,48**	0,01	0,01	(0,79)												
7. Reversão (RED5)	4,47	1,46	-0,18	-0,20*	0,82**	0,09	0,02	0,39**	(0,88)											
8. Realização (RED5)	5,85	0,86	-0,07	-0,27**	0,48**	0,34**	0,21*	0,31**	0,49**	(0,79)										
9. Narcisismo (RED5)	3,82	1,15	0,26**	0,62**	0,04	-0,22**	-0,21*	-0,07	0,02	-0,20*	(0,75)									
10. Realização (RED5)	4,92	1,18	-0,03	-0,38**	-0,09	0,26**	0,51**	-0,13	-0,03	0,16	-0,31**	(0,74)								
11. Perturbação (RED5)	5,11	0,90	-0,04	-0,06	0,46**	0,08	-0,11	0,63**	0,44**	0,22*	-0,05	-0,05	(0,58)							
12. Satisfação de vida	4,48	1,50	-0,28**	-0,49**	0,43**	0,23*	0,37**	-0,004	0,24*	0,22*	-0,24*	0,23*	0,06	(0,82)						
13. Afeto Positivo	3,29	0,82	-0,19	-0,50**	0,56**	0,12	0,41**	0,23*	0,39**	0,30**	-0,27**	0,18	0,24*	0,56**	(0,87)					
14. Afeto Negativo	2,30	0,79	0,19	0,66**	0,06	-0,19	-0,18	0,03	0,01	-0,09	0,64**	-0,37**	-0,02	-0,38**	-0,20*	(0,89)				
15. Autoestima	2,92	0,64	-0,34**	-0,77**	0,38**	0,20*	0,40**	0,13	0,25*	0,28**	-0,57**	0,22*	0,13	0,63**	0,65**	-0,57**	(0,88)			
16. QC1	74,6	25,3	-0,34**	-0,54**	0,38**	0,27**	0,30**	0,12	0,26**	0,17	-0,36**	0,15	0,17	0,57**	0,68**	-0,45**	0,71**	-		
17. QC2	9,05	7,55	-0,10	-0,16	0,12	0,02	0,03	0,17	0,10	0,31*	-0,20	0,21*	0,01	-0,12	-0,02	-0,12	0,06	0,04	-	
18. QC3	9,59	12,2	-0,04	-0,19	0,02	0,07	0,13	-0,08	-0,07	0,13	-0,21*	0,15	-0,02	0,22*	0,10	-0,17	0,17	0,28*	0,24*	-
19. QC4	3,23	14,2	0,15	-0,09	0,01	0,21*	0,01	-0,11	-0,07	0,10	0,12	0,01	-0,02	0,07	0,11	0,03	0,002	-0,05	0,11	-0,01

Nota. QC1= "Em relação ao seu futuro, o quanto você acredita que coisas boas acontecerão?"; QC2 = "Quantos amigos próximos você tem?"; QC3 = "Em relação às pessoas que fazem parte da sua vida (amigos, familiares, etc.), com quantas delas você acredita que pode realmente contar?"; QC4 = "No último mês, quantas vezes, aproximadamente, você fez sexo desprotegido(a)?" ; Coeficientes alfa das escalas na diagonal principal, entre parênteses. $N = 98$.

* $p < 0,05$

** $p < 0,01$

Tabela 9

Coefficientes de Correlação de Pearson entre Depressão Implícita (IAT) e as Facetas da BFP

	M	DP	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.	9.	10.	11.	12.	13.	14.	15.	16.	17.	18.
1. Depressão Implícita	-0,50	0,38	(0,75)																	
2. Rea 1 - Vulnerabilidade	4,06	1,23	0,13	(0,82)																
3. Rea 2 - Instabilidade emocional	3,72	1,47	0,03	0,50**	(0,84)															
4. Rea 3 - Passividade	4,26	1,3	0,07	0,60**	0,50**	(0,79)														
5. Rea 4 - Depressão	2,75	1,23	0,33**	0,60**	0,40**	0,49**	(0,79)													
6. Soci 1 - Comunicação	3,94	1,31	-0,21*	-0,45**	-0,02	-0,24*	-0,31**	(0,84)												
7. Soci 2 - Alti vez	3,38	1,14	-0,23*	-0,13	0,28**	0,24*	-0,06	0,58**	(0,75)											
8. Soci 3 - Dinamismo	4,42	1,14	-0,22*	-0,48**	-0,15	-0,33**	-0,57**	0,64**	0,41**	(0,70)										
9. Soci 4 - Interações	4,52	1,22	-0,17	-0,12	0,20*	0,06	-0,26**	0,56**	0,57**	0,49**	(0,82)									
10. Rea 1 - Amabilidade	5,68	0,67	0,09	0,10	0,19	-0,02	-0,14	0,14	0,08	0,23*	0,41**	(0,80)								
11. Rea 2 - Pró-atividade	5,46	0,92	0,02	0,03	-0,13	-0,22*	-0,19	-0,22*	-0,33**	-0,07	-0,25*	0,16	(0,72)							
12. Soci 3 - Confiança nas pessoas	4,71	0,98	-0,22*	-0,32**	-0,36**	-0,26*	-0,46**	0,14	-0,04	0,15	0,14	0,15	0,24*	(0,76)						
13. Rea 1 - Competência	4,68	0,84	-0,07	-0,42**	-0,24**	-0,46**	-0,51**	0,28**	0,17	0,52**	0,17	0,06	-0,001	0,11	(0,82)					
14. Rea 2 - Ponderação/Prudência	5,10	1,17	0,16	0,13	-0,27**	-0,01	0,12	-0,26*	-0,32**	-0,14	-0,34**	0,09	0,17	-0,01	-0,23*	(0,62)				
15. Rea 3 - Empenho	4,69	1,06	0,01	0,03	-0,01	-0,23*	-0,16	0,04	-0,02	0,21*	-0,03	0,12	0,18	-0,13	0,43**	0,11	(0,71)			
16. Aber 1 - Abertura a ideias	5,25	0,98	-0,08	-0,20*	-0,05	-0,05	-0,15	0,35**	0,30**	0,32**	0,38**	0,18	-0,26**	0,13	0,09	-0,09	-0,001	(0,75)		
17. Aber 2 - Liberalismo	5,53	0,87	0,08	0,14	0,21*	0,11	0,09	0,14	0,17	0,06	0,29**	0,36**	-0,27**	-0,04	-0,01	0,001	0,06	0,36**	(0,59)	
18. Aber 3 - Busca por novidade	4,43	1,17	0,03	-0,09	0,11	0,20*	0,06	0,26	0,28**	0,21*	0,37**	0,22*	-0,30**	-0,05	-0,01	0,03	-0,09	0,19	0,22*	(0,65)

Nota. Neu = Fator Neuroticismo; Extro = Fator Extroversão; Soci = Fator Socialização; Rea = Fator Realização; Aber = Fator Abertura. Coeficientes alfa das escalas na diagonal principal, entre parênteses. $N = 98$.

* $p < 0,05$

** $p < 0,01$

Por fim, testaram-se diferenças entre grupos nos níveis de traços depressivos implícitos e explícitos. Não houve diferença significativa entre homens e mulheres nos níveis de depressão implícita, $t(96) = -0,55$; $p = 0,58$; $d = 0,10$; Hedge's $g = 0,10$. Esse resultado também foi encontrado para os níveis de depressão explícita, $t(96) = 0,84$; $p = 0,40$; $d = 0,16$; Hedge's $g = 0,16$. Além disso, não foi encontrada diferença significativa entre os participantes que declararam já ter feito ou estar fazendo terapia e os participantes que negaram isso, tanto no que diz respeito aos níveis de depressão implícita, $t(96) = -0,54$; $p = 0,59$; $d = 0,13$; Hedge's $g = 0,13$, quanto aos níveis de depressão explícita, $t(96) = -0,08$; $p = 0,94$; $d = 0,2$; Hedge's $g = 0,02$. O mesmo padrão de resultados foi encontrado para consumo de bebida alcoólica. Não houve diferença significativa nos níveis de traços depressivos entre os participantes que declararam ter consumido bebida alcoólica, na semana anterior, e os participantes que afirmaram não ter consumido. Esse resultado foi encontrado para os níveis de depressão implícita, $t(96) = 0,72$; $p = 0,47$; $d = 0,13$; Hedge's $g = 0,13$, e também para os níveis de depressão explícita, $t(96) = 0,53$; $p = 0,59$; $d = 0,11$; Hedge's $g = 0,11$. Já os participantes que afirmaram ter feito ou estar fazendo uso de medicação para tratamento psicológico apresentaram maiores níveis de depressão explícita ($M = 3,22$; $DP = 1,14$), em comparação àqueles que declararam não ter feito ou estar fazendo isso ($M = 2,60$; $DP = 1,22$), $t(96) = 2,16$; $p = 0,03$; $d = 0,52$; Hedge's $g = 0,51$; mas não houve diferença entre esses grupos nos níveis de depressão implícita, $t(96) = 0,53$; $p = 0,60$; $d = 0,10$; Hedge's $g = 0,11$.

Em relação às questões critério específicas da faceta depressão, os participantes que declararam não ter conseguido segurar o choro, em algum momento da semana anterior, apresentaram maiores níveis de depressão implícita ($M = -0,42$; $DP = 0,37$), comparados àqueles que afirmaram não ter experienciado isso ($M = -0,58$; $DP = 0,37$), $t(96) = 2,13$; $p = 0,03$; $d = 0,43$; Hedge's $g = 0,43$. No entanto, não houve diferença entre esses dois grupos nos níveis de depressão explícita, $t(96) = 1,05$; $p = 0,30$; $d = 0,21$; Hedge's $g = 0,21$. Ainda, os participantes que afirmaram ter se sentido sem forças para sair de casa, no dia anterior, apresentaram maiores níveis de depressão explícita ($M = 3,53$; $DP = 1,27$), comparados àqueles que declararam não ter se sentido assim ($M = 2,46$; $DP = 1,09$), $t(96) = 4,10$; $p < 0,001$; $d = 0,90$; Hedge's $g = 0,94$; assim como os participantes que afirmaram ter pensado que a vida não valia a pena ($M = 3,95$;

$DP = 1,12$), em algum momento da semana anterior, comparados aos participantes que não tiveram esse pensamento ($M = 2,33$; $DP = 0,97$), $t(96) = 6,90$; $p < 0,001$; $d = 1,54$; Hedge's $g = 1,60$. No entanto, não houve diferenças entre esses grupos nos níveis de depressão implícita, tanto no que diz respeito a ter se sentido sem forças para sair de casa, $t(96) = 0,99$; $p = 0,32$; $d = 0,23$; Hedge's $g = 0,24$, quanto no que diz respeito a ter pensado que a vida não valia a pena, $t(96) = 1,99$; $p = 0,05$; $d = 0,42$; Hedge's $g = 0,45$.

7.2.

Etapa 2: faceta insegurança

7.2.1.

Método

7.2.1.1.

Participantes

Participaram 104 pessoas, sendo 62,5% mulheres ($n = 65$), com média de idade 20,7 anos ($DP = 3,12$, $Min = 17$, $Max = 43$), moradoras da cidade do Rio de Janeiro. Quanto à escolaridade, 18,3% tinham até o ensino médio completo ($n = 19$); 76%, o ensino superior incompleto ($n = 79$); e 5,8%, do ensino superior completo à pós-graduação completa ($n = 6$).

7.2.1.2.

Instrumentos

Os participantes responderam aos mesmos instrumentos da etapa 1, exceto que as palavras implementadas no IAT diziam respeito ao indivíduo e à faceta insegurança (Tabela 1 e Tabela 3) e algumas questões critério foram elaboradas especificamente para essa faceta. A ordem, as categorias e o número de trials dos blocos do IAT podem ser visualizados na Tabela 10. As questões critério específicas da faceta insegurança questionavam se o participante sentiu medo que alguém deixasse de gostar dele, no dia anterior (sim ou não); se o participante reclamou com alguém por estar recebendo pouca atenção, na semana anterior (sim ou não); e quantas vezes o participante agiu contra a própria vontade por medo do que as pessoas pensariam, na semana anterior (0 a 99 ou mais).

Tabela 10
Sequência de Blocos e Trials da Medida Implícita de Insegurança

Blocos	Nº de trials	Função	Categorias à esquerda	Categorias à direita
1	20	Treino	Eu	Outro
2	20	Treino	Insegurança	Segurança
3	32	Teste	Eu e Insegurança	Outro e Segurança
4	64	Teste	Eu e Insegurança	Outro e Segurança
5	20	Treino	Outro	Eu
6	32	Teste	Outro e Insegurança	Eu e Segurança
7	64	Teste	Outro e Insegurança	Eu e Segurança

7.2.1.3.

Procedimentos

7.2.1.3.1.

De coleta

Os procedimentos de coleta foram idênticos aos descritos nos estudos anteriores, exceto que 39 participantes retornaram ao laboratório cerca de 30 dias após a primeira coleta, para responder novamente à medida implícita de insegurança.

7.2.1.3.2.

De análise

Os procedimentos de análise foram semelhantes aos descritos na etapa 1. A principal diferença consistiu nos itens que foram submetidos à Análise Fatorial Exploratória (AFE). Nesta etapa, os itens diziam respeito a palavras representativas da faceta insegurança. Além disso, testaram-se correlações de Pearson entre a medida construída e questões critério elaboradas especificamente para essa faceta. E também diferenças entre grupos, por meio de testes *t* de Student, entre grupos que realizaram ou não comportamento típicos da faceta insegurança.

7.2.2.

Resultados

7.2.2.1.

Estrutura e precisão

O procedimento de cálculo dos itens descrito acima resultou em um conjunto de oito pares de palavras, que foram submetidos a uma Análise Fatorial com método de Eixos Principais e rotação oblíqua. Inicialmente, constatou-se

adequação dos dados à fatorização, KMO = 0,81 e teste de esfericidade de Bartlett: $\chi^2(28, N = 104) = 161; p < 0.001$. Uma análise paralela de *eigenvalues* aleatórios, 500 amostras *bootstrap*, mostrou que o último *eigenvalue* observado maior que o simulado foi o do Fator I (Fator I: *eigenvalue* observado = 2,41, *eigenvalue* simulado = 0,52; Fator II: *eigenvalue* observado = 0,28 e *eigenvalue* simulado = 0,34). Esse fator explicou 30,7% da variância dos dados. O *scree plot* também mostrou a emergência de um único fator. Diante desses resultados considerou-se adequada a extração de um único fator. Os índices de adequação dos dados ao modelo de fator único também se mostraram satisfatórios: $\chi^2(20, N = 98) = 15,5; p = 0,75; \chi^2/gl = 0,77$; Tucker–Lewis Index (TLI) = 1,02; *Root Mean Square Error of Aproximation* (RMSEA) = 0,00 (CI90% = 0,00 – 0,08); *Standardized Root Mean Square Residual* (SRMR) = 0,06 (Brown, 2006). Os itens, suas respectivas cargas fatoriais e comunalidades podem ser vistos na Tabela 11. No que diz respeito aos indicadores de fidedignidade, os coeficientes alfa e ômega foram de 0,78, mostrando-se adequados (Nunnally, 1978). Ainda, o coeficiente de correlação de Pearson obtido entre os dois momentos de aplicação da medida (intervalo de 30 dias) foi de 0,56, $p < 0,001$.

Tabela 11

*Cargas Fatoriais e Comunalidades dos Itens a**Partir de uma Análise Fatorial de Eixos Principais*

Itens	Cargas fatoriais	h^2
Autoconfiante/Receoso(a)	0,69	0,48
Ousado(a)/Medroso(a)	0,67	0,46
Seguro(a)/Inseguro(a)	0,56	0,32
Firme/Submisso(a)	0,53	0,28
Forte/Fraco(a)	0,49	0,24
Autônomo(a)/Influenciável	0,48	0,23
Decidiso(a)/Indeciso(a)	0,48	0,23
Confiante/Duvidoso(a)	0,46	0,22
<i>Eigenvalue</i>	2,45	
% variância explicada	27,4	
Coeficiente alfa	0,77	
Coeficiente ômega	0,78	
Coeficiente Teste-reteste	0,56	

Nota. $N = 104$. ^a tempo aproximado entre teste-reteste de 30 dias, $n = 39$.

7.2.2.2.

Relações com outras variáveis

A fim de buscar mais evidências de validade, testaram-se correlações de Pearson entre a medida construída e outras variáveis. A Tabela 12 mostra as correlações encontradas entre insegurança implícita (IAT), os cinco grandes fatores de personalidade (BFP e RED5), as dimensões do bem-estar subjetivo, a autoestima e as questões critério. Destacam-se as correlações positivas de insegurança implícita com Neuroticismo (BFP) e afeto negativo; e as correlações negativas com Extroversão (BFP e RED5), Realização (BFP), Socialização (RED5), satisfação de vida, afeto positivo e autoestima. Ainda, a Tabela 13 mostra as correlações entre a medida construída e as facetas da BFP. Encontraram-se correlações positivas de insegurança implícita com as facetas Passividade (BFP) e Depressão (BFP); e correlações negativas com as facetas Comunicação (BFP), Ativez (BFP), Dinamismo (BFP) e Competência (BFP).

Tabela 12

Coefficientes de Correlação de Pearson entre Insegurança Implícita (IAT), Personalidade (BFP e RED5), Bem-estar subjetivo, Autoestima e Questões Critério

	<i>M</i>	<i>DP</i>	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.	9.	10.	11.	12.	13.	14.	15.	16.	17.	18.	
PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812333/CA	Insegurança Implícita (IAT)	-0,57	0,36	(0,77)																	
	Neuroticismo (BFP)	3,68	1	0,23*	(0,91)																
	Extroversão (BFP)	4,08	1,07	-0,27**	-0,31**	(0,92)															
	Socialização (BFP)	5,56	0,61	-0,15	-0,28**	0,08	(0,81)														
	Realização (BFP)	4,71	0,8	-0,23*	-0,28**	0,18	0,24*	(0,82)													
	Abertura (BFP)	4,86	0,76	-0,16	-0,01	0,40**	0,11	0,07	(0,79)												
	Extroversão (RED5)	4,42	1,61	-0,19*	-0,27**	0,85**	0,19*	0,07	0,37**	(0,88)											
	Socialização (RED5)	6,03	0,89	-0,24*	-0,36**	0,54**	0,45**	0,28**	0,20*	0,56**	(0,79)										
	Neuroticismo (RED5)	3,91	1,31	0,14	0,77**	-0,04	-0,29**	-0,09	0,09	-0,05	-0,29**	(0,75)									
	Realização (RED5)	4,99	1,13	-0,1	-0,18	-0,11	0,26**	0,57**	-0,15	-0,18	0,1	-0,06	(0,74)								
	Abertura (RED5)	4,92	0,92	-0,17	-0,26**	0,43**	0,18	0,19	0,61**	0,49**	0,40**	-0,17	-0,20*	(0,58)							
	12. Satisfação de vida	4,68	1,41	-0,24*	-0,54**	0,47**	0,26**	0,27**	0,1	0,25**	0,37**	-0,39**	0,15	0,14	(0,82)						
	13. Afeto Positivo	3,36	0,8	-0,25*	-0,55**	0,54**	0,17	0,42**	0,15	0,42**	0,61**	-0,32**	0,16	0,34**	0,48**	(0,87)					
	14. Afeto Negativo	2,27	0,83	0,24*	0,71**	-0,24*	-0,17	-0,13	0,02	-0,17	-0,29**	0,61**	-0,001	-0,15	-0,46**	-0,39**	(0,89)				
	15. Autoestima	2,95	0,66	-0,30**	-0,78**	0,50**	0,25**	0,30**	0,12	0,33**	0,50**	-0,58**	0,14	0,29**	0,69**	0,68**	-0,60**	(0,91)			
	16. QC1	12,6	21,09	-0,04	0,26**	-0,005	-0,19	0,11	-0,1	-0,11	-0,1	0,29**	-0,08	0,01	-0,16	-0,11	0,18	-0,16	-		
	17. QC2	2,55	9,73	-0,04	-0,20*	0,12	0,02	-0,02	0,01	0,13	0,08	-0,14	-0,03	0,09	0,03	0,05	-0,18	0,13	-0,11	-	
	18. QC3	11,8	12,1	-0,08	-0,11	0,21*	0,15	0,11	0,1	0,1	0,20*	-0,05	0,07	0,15	0,17	0,27**	-0,13	0,18	-0,04	0,09	-
	19. QC4	11,2	8,05	-0,17	-0,35**	0,30**	0,18	0,11	-0,01	0,22*	0,19	-0,27**	-0,03	0,11	0,34**	0,24*	-0,27**	0,29**	-0,04	0,24*	0,33**

Nota. Q1 = "Na última semana, quantas vezes você agiu contra a sua vontade por medo do que as outras pessoas pensariam?"; Q2 = "No último mês, quantas vezes, aproximadamente, você fez sexo desprotegido(a)?" ; QC3 = "Quantos amigos próximos você tem?"; QC4 = "Em relação às pessoas que fazem parte da sua vida (amigos, familiares, etc.), com quantas delas você acredita que pode realmente contar?"; Coeficientes alfa das escalas na diagonal principal, entre parênteses. $N = 104$.

* $p < 0,05$

** $p < 0,01$

Tabela 13

Coefficientes de Correlação de Pearson entre Insegurança Implícita (IAT) e as Facetas da BFP

	<i>M</i>	<i>DP</i>	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.	9.	10.	11.	12.	13.	14.	15.	16.	17.	18.
. Insegurança Implícita (IAT)	-0,57	0,36	(0,77)																	
. Neu 1 - Vulnerabilidade	4,17	1,21	0,18	(0,82)																
. Neu 2 - Instabilidade emocional	3,58	1,49	0,14	0,53**	(0,84)															
. Neu 3 - Passividade	4,4	1,25	0,24*	0,46**	0,41**	(0,79)														
. Neu 4 - Depressão	2,66	1,15	0,21*	0,68**	0,52**	0,39**	(0,79)													
. Extro 1 - Comunicação	3,93	1,45	-0,22*	-0,52**	-0,16	-0,18	-0,43**	(0,84)												
. Extro 2 - Altiuez	3,41	1,15	-0,25**	-0,09	0,24*	0,12	-0,14	0,57**	(0,75)											
. Extro 3 - Dinamismo	4,33	1,14	-0,27**	-0,55**	-0,18	-0,32**	-0,63**	0,68**	0,54**	(0,69)										
. Extro 4 - Interações sociais	4,71	1,29	-0,19	-0,30**	0,06	-0,06	-0,29**	0,71**	0,58**	0,64**	(0,82)									
0. Soci 1 - Amabilidade	5,86	0,72	-0,13	0,12	0,07	0,01	-0,03	0,20*	0,12	0,27**	0,28**	(0,80)								
1. Soci 2 - Pró-sociabilidade	5,71	0,92	-0,07	0,03	-0,31**	-0,22*	-0,12	-0,11	-0,37**	0,01	-0,05	0,28**	(0,72)							
12. Soci 3 - Confiança nas pessoas	4,97	1,04	-0,11	-0,43**	-0,38**	-0,18	-0,47**	0,22*	-0,23*	0,18	0,02	0,11	0,36**	(0,76)						
13. Rea 1 - Competência	4,53	1,07	-0,27**	-0,38**	-0,19	-0,57**	-0,41**	0,21*	0,14	0,51**	0,19	0,24*	0,01	0,04	(0,82)					
14. Rea 2 - Ponderação/Prudência	5,09	1,17	-0,1	0,11	-0,23*	-0,01	0,04	-0,11	-0,24*	-0,14	-0,14	0,28**	0,22*	0,08	0,01	(0,62)				
15. Rea 3 - Empenho	4,73	1,1	-0,1	0,18	0,13	-0,28**	0,14	0,02	0,1	0,13	0,09	0,33**	0,11	-0,21*	0,47**	0,21*	(0,71)			
16. Aber 1 - Abertura a ideias	5	1,05	-0,22*	-0,21*	0,03	-0,05	-0,14	0,35**	0,24*	0,29**	0,19*	0,31**	-0,22*	0,20*	0,09	0,17	0,01	(0,75)		
17. Aber 2 - Liberalismo	5,31	0,89	0,08	0,21*	0,23*	0,20*	0,22*	0,07	0,22*	-0,01	0,20*	0,19	-0,21*	-0,14	-0,05	-0,03	0,07	0,20*	(0,59)	
18. Aber 3 - Busca por novidade	4,1	1,07	-0,18	-0,20*	0,05	0,17	-0,14	0,35**	0,37**	0,32**	0,36**	0,25*	-0,20*	0,1	-0,05	-0,04	-0,003	0,46**	0,22*	(0,65)

Nota. Neu = Fator Neuroticismo; Extro = Fator Extroversão; Soci = Fator Socialização; Rea = Fator Realização; Aber = Fator Abertura. Coeficientes alfa das escalas na diagonal principal, entre parênteses. $N = 104$.

* $p < 0,05$

** $p < 0,01$

Por fim, testaram-se diferenças entre grupos nos níveis de insegurança implícita e explícita. Não houve diferença significativa entre homens e mulheres nos níveis de insegurança implícita, $t(102) = -1,48$; $p = 0,14$; $d = 0,31$; Hedge's $g = 0,31$. Mas houve diferença entre esses dois grupos nos níveis de insegurança explícita, sendo que as mulheres tiveram uma média maior ($M = 4,43$; $DP = 1,18$) do que os homens ($M = 3,73$; $DP = 1,16$), $t(102) = -3,01$; $p = 0,003$; $d = 0,60$; Hedge's $g = 0,60$. Além disso, não foi encontrada diferença nos níveis de insegurança implícita entre os participantes que declararam já ter feito ou estar fazendo terapia e os participantes que negaram isso, $t(102) = 0,46$; $p = 0,65$; $d = 0,11$; Hedge's $g = 0,11$. Mas esses dois grupos diferiram significativamente nos níveis de insegurança explícita, sendo que os participantes que afirmaram ter feito ou estar fazendo terapia apresentaram maiores níveis de insegurança ($M = 4,41$; $DP = 1,23$), em comparação àqueles que declararam não ter feito ou estar fazendo terapia ($M = 3,64$; $DP = 0,99$), $t(102) = 3,10$; $p = 0,03$; $d = 0,69$; Hedge's $g = 0,66$. O mesmo padrão de resultados foi encontrado para consumo de bebida alcoólica. Não houve diferença significativa nos níveis de insegurança implícita entre os participantes que declararam ter consumido bebida alcoólica, na semana anterior, e os participantes que afirmaram não ter consumido, $t(102) = 0,39$; $p = 0,70$; $d = 0,14$; Hedge's $g = 0,14$. Mas houve diferença entre esses dois grupos nos níveis de insegurança explícita, sendo que os participantes que afirmaram ter consumido bebida alcoólica, na semana anterior, apresentaram menores níveis de insegurança ($M = 3,81$; $DP = 1,21$), em comparação a quem declarou não ter consumido ($M = 4,59$; $DP = 1,09$), $t(102) = -3,43$; $p = 0,001$; $d = 0,68$; Hedge's $g = 0,67$. Já os participantes que afirmaram ter feito ou estar fazendo uso de medicação para tratamento psicológico apresentaram maiores níveis de insegurança explícita ($M = 5,05$; $DP = 0,86$), em comparação àqueles que declararam não ter feito ou estar fazendo isso ($M = 3,93$; $DP = 1,19$), $t(102) = 4,16$; $p < 0,001$; $d = 1,08$; Hedge's $g = 0,99$; mas não houve diferença entre esses grupos nos níveis de insegurança implícita, $t(102) = 1,44$; $p = 0,15$; $d = 0,33$; Hedge's $g = 0,34$.

Em relação às questões critério específicas da faceta insegurança, os participantes que declararam ter tido medo de que alguém deixasse de gostar deles, no dia anterior, apresentaram maiores níveis de insegurança explícita ($M = 4,65$; $DP = 1,16$), comparados àqueles que declararam não ter tido esse medo ($M = 3,73$; $DP = 1,09$), $t(102) = 4,14$; $p < 0,001$; $d = 0,81$; Hedge's $g = 0,82$; assim

como os participantes que afirmaram ter reclamado com alguém, na semana anterior, por julgar que estavam recebendo pouca atenção ($M = 4,69$; $DP = 1,04$), comparados aos participantes que declararam não ter reclamado ($M = 3,80$; $DP = 1,20$), $t(102) = 3,91$; $p < 0,001$; $d = 0,79$; Hedge's $g = 0,78$. No entanto, não houve diferenças entre esses grupos nos níveis de insegurança implícita, tanto no que diz respeito a ter sentido medo de que alguém deixasse de gostar, $t(102) = -0,30$; $p = 0,76$; $d = 0,05$; Hedge's $g = 0,05$, quanto no que diz respeito a ter reclamado com alguém por julgar que estava recebendo pouca atenção, $t(102) = 0,84$; $p = 0,40$; $d = 0,16$; Hedge's $g = 0,17$.

7.3.

Etapa 3: faceta passividade

7.3.1.

Método

7.3.1.1.

Participantes

Participaram 102 pessoas, sendo 63,7% mulheres ($n = 65$), com média de idade 24,3 anos ($DP = 8,17$, $Min = 18$, $Max = 59$), moradoras da cidade do Rio de Janeiro. Quanto à escolaridade, 12,8% tinham até o ensino médio completo ($n = 12$); 66,7%, o ensino superior incompleto ($n = 68$); e 20,6%, do ensino superior completo à pós-graduação completa ($n = 21$).

7.3.1.2.

Instrumentos

Os participantes responderam aos mesmos instrumentos das etapas anteriores, exceto que as palavras implementadas no IAT diziam respeito ao indivíduo e à faceta passividade (Tabela 1 e Tabela 4) e algumas questões critério foram elaboradas especificamente para essa faceta. A ordem, as categorias e o número de trials dos blocos do IAT podem ser visualizados na Tabela 14. As questões critério específicas da faceta passividade questionavam se o participante abandonou alguma tarefa antes de concluí-la, por falta de paciência, na semana anterior (sim ou não); se o participante se antecipou para realizar alguma tarefa, por se sentir empolgado(a), na semana anterior (sim ou não); e quantas vezes o participante deixou tarefas para a “última hora”, no mês anterior (0 a 99 ou mais).

Tabela 14
Sequência de Blocos e Trials da Medida Implícita de Passividade

Blocos	Nº de trials	Função	Categorias à esquerda	Categorias à direita
1	20	Treino	Eu	Outro
2	20	Treino	Passividade	Atividade
3	32	Teste	Eu e Passividade	Outro e Atividade
4	64	Teste	Eu e Passividade	Outro e Atividade
5	20	Treino	Outro	Eu
6	32	Teste	Outro e Passividade	Eu e Atividade
7	64	Teste	Outro e Passividade	Eu e Atividade

7.3.1.3.

Procedimentos

7.3.1.3.1.

De coleta

Os procedimentos de coleta foram idênticos aos descritos nos estudos anteriores, exceto que 43 participantes retornaram ao laboratório cerca de 30 dias após a primeira coleta, para responder novamente à medida implícita de passividade.

7.3.1.3.2.

De análise

Os procedimentos de análise foram semelhantes aos descritos na etapa 1. A principal diferença consistiu nos itens que foram submetidos à Análise Fatorial Exploratória (AFE). Nesta etapa, os itens diziam respeito a palavras representativas da faceta passividade. Além disso, testaram-se correlações de Pearson entre a medida construída e questões critério elaboradas especificamente para essa faceta. E também diferenças entre grupos, por meio de testes *t* de Student, entre grupos que realizaram ou não comportamento típicos da faceta passividade.

7.3.2.

Resultados

7.3.2.1.

Estrutura e precisão

O procedimento de cálculo dos itens descrito acima resultou em um conjunto de oito pares de palavras, que foram submetidos a uma Análise Fatorial com método de Eixos Principais e rotação oblimin. Inicialmente, constatou-se

adequação dos dados à fatorização, KMO = 0,82 e teste de esfericidade de Bartlett: $\chi^2(28, N = 102) = 255; p < 0,001$. Uma análise paralela de *eigenvalues* aleatórios, 500 amostras *bootstrap*, mostrou que o último *eigenvalue* observado maior que o simulado foi o do Fator I (Fator I: *eigenvalue* observado = 3,16, *eigenvalue* simulado = 0,52; Fator II: *eigenvalue* observado = 0,32 e *eigenvalue* simulado = 0,34). Esse fator explicou 39,5% da variância dos dados. O *scree plot* também mostrou a emergência de um único fator. Diante desses resultados considerou-se adequada a extração de um único fator. Os índices de adequação dos dados ao modelo de fator único foram os seguintes: $\chi^2(20, N = 102) = 36,8; p = 0,01; \chi^2/gl = 1,84$; Tucker–Lewis Index (TLI) = 0,90; *Root Mean Square Error of Approximation* (RMSEA) = 0,09 (CI90% = 0,04 – 0,14); *Standardized Root Mean Square Residual* (SRMR) = 0,06. Os itens, suas respectivas cargas fatoriais e comunalidades podem ser vistos na Tabela 15. No que diz respeito aos indicadores de fidedignidade, os coeficientes alfa e ômega foram de 0,84, mostrando-se adequados (Nunnally, 1978). Ainda, o coeficiente de correlação de Pearson obtido entre os dois momentos de aplicação da medida (intervalo de 30 dias) foi de 0,59, $p < 0,001$.

Tabela 15

*Cargas Fatoriais e Comunalidades dos Itens a**Partir de uma Análise Fatorial de Eixos Principais*

Itens	Cargas Fatoriais	h^2
Energético(a)/Apagado(a)	0,73	0,53
Ágil/Lento(a)	0,69	0,48
Elétrico(a)/Devagar	0,68	0,47
Ativo(a)/Preguiçoso(a)	0,65	0,42
Vivaz/Ineficiente	0,61	0,37
Eufórico(a)/Desinteressado(a)	0,60	0,36
Motivado(a)/Desmotivado(a)	0,53	0,29
Estimulado(a)/Sem vontade	0,50	0,25
<i>Eigenvalue</i>	3,16	
% variância explicada	39,2	
Coeficiente alfa	0,84	
Coeficiente ômega	0,84	
Coeficiente Teste-reteste	0,59	

Nota. $N = 102$. ^a tempo aproximado entre teste-reteste de 30 dias, $n = 43$.

7.3.2.2.

Relações com outras variáveis

A fim de buscar mais evidências de validade, testaram-se correlações de Pearson entre a medida construída e outras variáveis. A Tabela 16 mostra as correlações encontradas entre passividade implícita (IAT), os cinco grandes fatores de personalidade (BFP e RED5), as dimensões do bem-estar subjetivo, a autoestima e as questões critério. Destacam-se as correlações positivas de passividade implícita com Neuroticismo (BFP) e a questão critério que diz respeito à quantidade de vezes que o participante deixou tarefas para “última hora”, no mês anterior; e as correlações negativas com Extroversão (BFP), satisfação de vida, afeto positivo e autoestima. Ainda, a Tabela 17 mostra as correlações entre a medida construída e as facetas da BFP. Encontraram-se correlações positivas de passividade implícita com Passividade (BFP) e Depressão (BFP); e correlações negativas com Comunicação (BFP), Ativez (BFP), Dinamismo (BFP) e Competência (BFP).

Tabela 16

Coefficientes de Correlação de Pearson entre Passividade Implícita (IAT), Personalidade (BFP e RED5), Bem-estar subjetivo, Autoestima e Questões Critério

	<i>M</i>	<i>DP</i>	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.	9.	10.	11.	12.	13.	14.	15.	16.	17.	18.
1. Passividade Implícita (IAT)	-0,40	0,42	(0,84)																	
2. Neuroticismo (BFP)	3,70	1,12	0,24*	(0,94)																
3. Extraversão (BFP)	3,96	1,03	-0,26**	-0,34**	(0,91)															
4. Sociabilidade (BFP)	5,48	0,58	-0,02	-0,24*	0,07	(0,80)														
5. Realização (BFP)	4,76	0,84	-0,17	-0,57**	0,24*	0,23*	(0,84)													
6. Abertura (BFP)	5,00	0,80	0,07	-0,05	0,22*	-0,13	0,11	(0,81)												
7. Extraversão (RED5)	4,33	1,47	-0,16	-0,27**	0,85**	0,12	0,11	0,15	(0,83)											
8. Sociabilidade (RED5)	5,95	0,87	-0,11	-0,39**	0,42**	0,52**	0,29**	0,07	0,46**	(0,79)										
9. Neuroticismo (RED5)	3,88	1,39	0,04	0,65**	-0,06	-0,20*	-0,30**	-0,01	0,02	-0,31**	(0,79)									
10. Realização (RED5)	5,00	1,21	-0,12	-0,51**	0,16	0,41**	0,59**	-0,13	0,09	0,26**	-0,27**	(0,75)								
11. Abertura (RED5)	4,99	0,94	-0,04	-0,28**	0,29**	0,05	0,21*	0,50**	0,22*	0,22*	-0,16	-0,001	(0,56)							
12. Satisfação de vida	4,46	1,48	-0,26**	-0,51**	0,41**	0,29**	0,37**	-0,03	0,24*	0,27**	-0,27**	0,36**	0,08	(0,85)						
13. Afeto Positivo	3,23	0,87	-0,23*	-0,62**	0,55**	0,26**	0,52**	0,07	0,49**	0,43**	-0,26**	0,35**	0,32**	0,58**	(0,90)					
14. Afeto Negativo	2,31	0,87	0,12	0,59**	-0,15	-0,36**	-0,17	-0,08	-0,07	-0,32**	0,61**	-0,30**	-0,17	-0,40**	-0,26**	(0,89)				
15. Autoestima	2,91	0,67	-0,36**	-0,80**	0,39**	0,27**	0,56**	0,04	0,27**	0,35**	-0,50**	0,41**	0,22*	0,61**	0,63**	-0,53**	(0,91)			
16. QC1	23,6	28,1	0,26**	0,28**	-0,09	-0,05	-0,22*	-0,03	0,08	-0,02	0,17	-0,24*	-0,15	-0,27**	-0,20*	0,26**	-0,34**	-		
17. QC2	6,54	19,8	-0,19	-0,22*	0,15	-0,03	-0,02	-0,01	0,14	-0,01	-0,20*	0,03	-0,08	0,08	0,18	-0,12	-0,16	0,16	-	
18. QC3	12,4	15,4	-0,06	-0,25**	0,22*	0,27**	0,14	-0,12	0,11	0,24*	-0,14	0,14	-0,08	0,26**	0,36**	-0,04	-0,25*	-0,10	0,19	-
19. QC4	9,61	8,24	-0,12	-0,06	0,38**	0,20*	-0,08	-0,03	0,46**	0,29**	0,04	-0,004	0,10	0,07	0,19	0,07	0,005	0,11	0,01	0,29**

Nota. Q1 = "No último mês, quantas vezes você deixou tarefas para a "última hora"?"; Q2 = "No último mês, quantas vezes, aproximadamente, você fez sexo desprotegido(a)?"; Q3 = "Quantos amigos próximos você tem?"; Q4 = "Em relação às pessoas que fazem parte da sua vida (amigos, familiares, etc.), com quantas delas você acredita que pode realmente contar?"; Coeficientes alfa das escalas na diagonal principal, entre parênteses. $N = 102$.

* $p < 0,05$

** $p < 0,01$

Tabela 17

Coefficientes de Correlação de Pearson entre Passividade Implícita (IAT) e as Facetas da BFP

	<i>M</i>	<i>DP</i>	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.	9.	10.	11.	12.	13.	14.	15.	16.	17.	18.
assividade Implícita (IAT)	-0,39	0,42	(0,84)																	
eu 1 - Vulnerabilidade	4,14	1,28	0,17	(0,84)																
eu 2 - Instabilidade emocional	3,74	1,51	0,09	0,61**	(0,86)															
eu 3 - Passividade	4,34	1,48	0,21*	0,59**	0,60**	(0,87)														
eu 4 - Depressão	2,70	1,21	0,34**	0,56**	0,58**	0,54**	(0,85)													
extro 1 - Comunicação	3,84	1,37	-0,21*	-0,50**	-0,13	-0,31**	-0,38**	(0,81)												
extro 2 - Altivez	3,32	1,11	-0,24*	-0,11	0,25*	0,10	-0,06	0,60**	(0,73)											
extro 3 - Dinamismo	4,32	1,21	-0,29**	-0,60**	-0,33**	-0,50**	-0,66**	0,66**	0,42**	(0,77)										
extro 4 - Interações sociais	4,46	1,24	-0,15	-0,28**	0,04	-0,08	-0,36**	0,76**	0,54**	0,59**	(0,81)									
soci 1 - Amabilidade	5,81	0,64	0,04	0,09	0,06	-0,06	-0,10	0,16	0,04	0,19	0,30**	(0,75)								
soci 2 - Pró-sociabilidade	5,63	0,93	-0,02	0,07	-0,16	-0,13	-0,17	-0,24*	-0,36**	-0,11	-0,12	0,21*	(0,74)							
soci 3 - Confiança nas pessoas	4,84	1,00	-0,06	-0,34**	-0,30**	-0,17	-0,43**	0,21*	-0,06	0,24*	0,20*	0,23*	0,26**	(0,74)						
13. Rea 1 - Competência	4,63	1,00	-0,30**	-0,53**	-0,41**	-0,72**	-0,54**	0,36**	0,14	0,65**	0,22*	0,26**	0,04	0,13	(0,83)					
14. Rea 2 - Ponderação/Prudência	5,13	1,10	0,17	-0,09	-0,27**	-0,18	-0,05	-0,15	-0,34**	-0,16	-0,18	0,22*	0,12	0,15	0,13	(0,62)				
15. Rea 3 - Empenho	4,73	1,10	-0,07	-0,19	-0,13	-0,52**	-0,23*	0,12	0,02	0,37**	0,11	0,22*	0,14	-0,09	0,61**	0,13	(0,72)			
16. Aber 1 - Abertura a ideias	5,11	1,20	0,12	-0,13	-0,04	-0,06	0,05	0,14	0,06	0,08	0,13	0,18	-0,35**	-0,05	0,14	0,29**	0,04	(0,81)		
17. Aber 2 - Liberalismo	5,44	0,90	0,16	-0,01	0,11	0,09	0,21*	-0,08	-0,09	-0,01	-0,11	0,17	-0,22*	-0,17	-0,001	0,10	-0,02	0,34**	(0,57)	
18. Aber 3 - Busca por novidade	4,32	1,20	-0,15	-0,24*	-0,04	-0,02	-0,11	0,43**	0,35**	0,30**	0,42**	0,04	-0,31**	0,06	0,06	-0,04	-0,07	0,31**	0,23*	(0,69)

Nota. Neu = Fator Neuroticismo; Extro = Fator Extroversão; Soci = Fator Socialização; Rea = Fator Realização; Aber = Fator Abertura. Coeficientes alfa das escalas na diagonal principal, entre parênteses. $N = 102$.

* $p < 0,05$

** $p < 0,01$

Por fim, testaram-se diferenças entre grupos nos níveis de passividade implícita e explícita. Não houve diferença significativa entre homens e mulheres nos níveis de passividade implícita, $t(100) = 0,40$; $p = 0,69$; $d = 0,09$; Hedge's $g = 0,09$. Esse resultado também foi encontrado para os níveis de passividade explícita, $t(100) = -1,66$; $p = 0,10$; $d = 0,35$; Hedge's $g = 0,34$. Além disso, não foi encontrada diferença significativa entre os participantes que declararam já ter feito ou estar fazendo terapia e os participantes que afirmaram não ter feito ou estar fazendo, tanto no que diz respeito aos níveis de passividade implícita, $t(100) = 0,63$; $p = 0,53$; $d = 0,11$; Hedge's $g = 0,12$, quanto aos níveis de passividade explícita, $t(100) = 0,75$; $p = 0,46$; $d = 0,16$; Hedge's $g = 0,15$. O mesmo padrão de resultados foi encontrado para consumo de bebida alcoólica. Não houve diferença significativa nos níveis de passividade entre os participantes que declararam ter consumido bebida alcoólica, na semana anterior, e os participantes que afirmaram não ter consumido. Esse resultado foi encontrado para os níveis de passividade implícita, $t(100) = -0,21$; $p = 0,83$; $d = 0,02$; Hedge's $g = 0,02$; e também para os níveis de passividade explícita, $t(100) = 0,95$; $p = 0,35$; $d = 0,19$; Hedge's $g = 0,19$. Ainda, não houve diferenças nos níveis de passividade entre os participantes que afirmaram ter feito ou estar fazendo uso de medicação para tratamento psicológico e os participantes que declararam não ter feito ou estar fazendo isso, tanto para passividade implícita, $t(100) = 0,28$; $p = 0,78$; $d = 0,05$; Hedge's $g = 0,05$, quanto para passividade explícita, $t(100) = 1,34$; $p = 0,18$; $d = 0,29$; Hedge's $g = 0,29$.

Em relação às questões critério específicas da faceta passividade, os participantes que afirmaram ter abandonado alguma tarefa antes de concluí-la, por falta de paciência, na semana anterior, apresentaram maiores níveis de passividade explícita ($M = 4,78$; $DP = 1,27$), comparados a quem afirmou não ter abandonado ($M = 3,12$; $DP = 1,34$), $t(100) = 5,73$; $p < 0,001$; $d = 1,27$; Hedge's $g = 1,29$. Além disso, os participantes que afirmaram ter se antecipado para realizar alguma tarefa, por se sentirem empolgados, na semana anterior, apresentaram menores níveis de passividade explícita ($M = 3,95$; $DP = 1,51$), comparados àqueles que afirmaram não ter se antecipado ($M = 4,82$; $DP = 1,30$), $t(100) = -3,06$; $p = 0,003$; $d = 0,61$; Hedge's $g = 0,60$. No entanto, não houve diferenças entre esses grupos nos níveis de passividade implícita. Esse resultado foi encontrado para a questão que dizia respeito a ter abandonado alguma tarefa, por falta de paciência, $t(100) = 0,89$; $p =$

0,37; $d = 0,21$; Hedge's $g = 0,22$; e também para a questão que se referia a ter se antecipado para realizar alguma tarefa, por se sentir empolgado, $t(100) = -0,64$; $p = 0,52$; $d = 0,12$; Hedge's $g = 0,12$.

7.4.

Etapa 4: faceta instabilidade emocional

7.4.1.

Método

7.4.1.1.

Participantes

Participaram 113 pessoas, sendo 57,5% mulheres ($n = 65$), com média de idade 22 anos ($DP = 4,95$, $Min = 17$, $Max = 50$), moradoras da cidade do Rio de Janeiro. Quanto à escolaridade, 18,6% tinham até o ensino médio completo ($n = 21$); 67,3%, o ensino superior incompleto ($n = 76$); e 14,1%, do ensino superior completo à pós-graduação completa ($n = 16$).

7.4.1.2.

Instrumentos

Os participantes responderam aos mesmos instrumentos da etapa 1, exceto que as palavras implementadas no IAT diziam respeito ao indivíduo e à faceta instabilidade emocional (Tabela 1 e Tabela 5) e algumas questões critério foram elaboradas especificamente para essa faceta. A ordem, as categorias e o número de trials dos blocos do IAT podem ser visualizados na Tabela 18. As questões critério específicas da faceta instabilidade emocional questionavam o quanto o participante se sentiu irritado, no dia anterior (0 = 0% do tempo, 100 = 100% do tempo); e se o participante teve algum ataque de raiva, na semana anterior (sim ou não).

Tabela 18

Sequência de Blocos e Trials da Medida Implícita de Instabilidade Emocional

Blocos	Nº de trials	Função	Categorias à esquerda	Categorias à direita
1	20	Treino	Eu	Outro
2	20	Treino	Instabilidade	Estabilidade
3	32	Teste	Eu e Instabilidade	Outro e Estabilidade
4	64	Teste	Eu e Instabilidade	Outro e Estabilidade
5	20	Treino	Outro	Eu
6	32	Teste	Outro e Instabilidade	Eu e Estabilidade
7	64	Teste	Outro e Instabilidade	Eu e Estabilidade

7.4.1.3.

Procedimentos

7.4.1.3.1.

De coleta

Os procedimentos de coleta foram idênticos aos descritos nos estudos anteriores, exceto que 32 participantes retornaram ao laboratório cerca de 30 dias após a primeira coleta, para responder novamente à medida implícita de instabilidade emocional.

7.4.1.3.2.

De análise

Os procedimentos de análise foram semelhantes aos descritos na etapa 1. A principal diferença consistiu nos itens que foram submetidos à Análise Fatorial Exploratória (AFE). Nesta etapa, os itens diziam respeito a palavras representativas da faceta instabilidade emocional. Além disso, testaram-se correlações de Pearson entre a medida construída e questões critério elaboradas especificamente para essa faceta. E também diferenças entre grupos, por meio de testes *t* de Student, entre grupos que realizaram ou não comportamento típicos da faceta instabilidade emocional.

7.4.2.

Resultados

7.4.2.1.

Estrutura e precisão

O procedimento de cálculo dos itens descrito acima resultou em um conjunto de oito pares de palavras, que foram submetidos a uma Análise Fatorial com método de Eixos Principais e rotação *oblimin*. Inicialmente, constatou-se adequação dos dados à fatorização, $KMO = 0,74$ e teste de esfericidade de Bartlett: $\chi^2(28, N = 113) = 152; p < 0.001$. Uma análise paralela de *eigenvalues* aleatórios, 500 amostras *bootstrap*, sugeriu uma estrutura de dois fatores para a medida. Juntos, os dois fatores explicaram 33,9% da variância dos dados, sendo que o fator 1 explicou 22,3% e o fator 2, 11,6%. O *scree plot* também mostrou a emergência de dois fatores. Os itens, suas respectivas cargas fatoriais e comunalidades podem ser vistos na Tabela 19. Diante desses resultados e tendo em vista a definição do construto, que o concebe como unifatorial, optou-se por

excluir os dois itens que carregaram mais fortemente no segundo fator: irritável/tranquilo(a) e bem-humorado(a)/mal-humorado(a). Em seguida, realizou-se outra Análise Fatorial com método de Eixos Principais e rotação oblíqua. Inicialmente, constatou-se adequação dos dados à fatorização, KMO = 0,74 e teste de esfericidade de Bartlett: $\chi^2(28, N = 113) = 152; p < 0.001$. Uma análise paralela de *eigenvalues* aleatórios, 500 amostras *bootstrap*, mostrou que o último *eigenvalue* observado maior que o simulado foi o do Fator I (Fator I: *eigenvalue* observado = 2,17, *eigenvalue* simulado = 0,54; Fator II: *eigenvalue* observado = 0,27 e *eigenvalue* simulado = 0,35). Esse fator explicou 31,4% da variância dos dados. O *scree plot* também mostrou a emergência de um único fator. Os índices de adequação dos dados ao modelo de fator único também se mostraram satisfatórios: $\chi^2(9, N = 113) = 13,4; p = 0,14; \chi^2/gl = 1,49$; Tucker–Lewis Index (TLI) = 0,93; *Root Mean Square Error of Approximation* (RMSEA) = 0,07 (CI90% = 0,00 – 0,13); *Standardized Root Mean Square Residual* (SRMR) = 0,07 (Brown, 2006). Diante desses resultados e tendo em vista a definição do construto, considerou-se adequada a extração de um único fator. Os itens, suas respectivas cargas fatoriais e comunalidades podem ser vistos na Tabela 20. No que diz respeito aos indicadores de fidedignidade, os coeficientes alfa e ômega foram de 0,72 e 0,73, respectivamente, mostrando-se adequados (Nunnally, 1978). Ainda, o coeficiente de correlação de Pearson obtido entre os dois momentos de aplicação da medida (intervalo de 30 dias) foi de 0,60, $p < 0,001$.

Tabela 19

*Cargas Fatoriais e Comunalidades dos Itens a**Partir de uma Análise Fatorial de Eixos Principais*

Itens	Cargas fatoriais		h^2
	1	2	
Sereno(a)/Zangado(a)	0,70	-0,09	0,46
Estável/Impulsivo(a)	0,67	-0,08	0,42
Irritado(a)/Satisfeito(a)	0,52	0,20	0,39
Calma(o)/Estressado(a)	0,46	0,11	0,26
Equilibrado(a)/Pavio-curto	0,44	0,20	0,30
Paciente/Nervoso(a)	0,31	0,26	0,21
Bem-humorado(a)/Mal-humorado(a)	0,01	0,60	0,37
Tranquilo(a)/Irritável	-0,02	0,56	0,31
<i>Eigenvalue</i>	2,03	0,42	
% variância explicada	22,3	11,6	
Coeficiente alfa	0,71	0,48	
Coeficiente ômega	0,72	0,48	

Nota. $N = 113$.

Tabela 20

*Cargas Fatoriais e Comunalidades dos Itens a**Partir de uma Análise Fatorial de Eixos Principais*

Itens	Cargas Fatoriais	h^2
Sereno(a)/Zangado(a)	0,65	0,42
Estável/Impulsivo(a)	0,62	0,38
Irritado(a)/Satisfeito(a)	0,62	0,38
Equilibrado(a)/Pavio-curto	0,52	0,27
Calmo(a)/Estressado(a)	0,51	0,27
Paciente/Nervoso(a)	0,40	0,17
<i>Eigenvalue</i>	1,88	
% variância explicada	31,4	
Coeficiente alfa	0,72	
Coeficiente ômega	0,73	
Coeficiente Teste-reteste	0,60	

Nota. $N = 113$. ^a tempo aproximado entre teste-reteste de 30 dias, $n = 32$.

7.4.2.2.

Relações com outras variáveis

A fim de buscar mais evidências de validade, testaram-se correlações de Pearson entre a medida construída e outras variáveis. A Tabela 21 mostra as correlações encontradas entre instabilidade emocional implícita (IAT), os cinco grandes fatores de personalidade (BFP e RED5), as dimensões do bem-estar subjetivo, a autoestima e as questões critério. Destaca-se correlação positiva entre a medida construída e Neuroticismo (RED5). Ainda, a Tabela 22 mostra as correlações entre a medida construída e as facetas da BFP. Não foram encontradas correlações significativas entre essas variáveis.

Tabela 21

Coeficientes de Correlação de Pearson entre Instabilidade Emocional Implícita (IAT), Personalidade (BFP e RED5), Bem-estar subjetivo, Autoestima e Questões Critério

	M	DP	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.	9.	10.	11.	12.	13.	14.	15.	16.	17.	18.
1. Instabilidade Emocional Implícita (IAT)	-0,52	0,38	(0,72)																	
2. Neuroticismo (BFP)	3,79	0,96	0,17	(0,91)																
3. Extroversão (BFP)	4,05	0,93	-0,02	-0,27**	(0,89)															
4. Sociabilidade (BFP)	5,37	0,57	-0,05	-0,25**	0,10	(0,79)														
5. Resiliência (BFP)	4,75	0,73	-0,08	-0,25**	0,21*	0,26**	(0,81)													
6. Abertura (BFP)	4,89	0,68	0,05	0,05	0,23*	0,01	0,11	(0,78)												
7. Extroversão (RED5)	4,92	0,80	0,09	-0,25**	0,77**	0,08	0,04	0,18	(0,85)											
8. Sociabilidade (RED5)	4,50	1,50	-0,08	-0,28**	0,55**	0,41**	0,09	0,22*	0,53**	(0,83)										
9. Neuroticismo (RED5)	5,91	0,90	0,22*	0,70**	-0,11	-0,25**	-0,06	-0,07	-0,08	-0,22*	(0,69)									
10. Resiliência (RED5)	4,08	1,19	-0,09	-0,30**	0,05	0,28**	0,54**	-0,12	0,05	0,09	0,05	(0,73)								
11. Autoestima (RED5)	5,05	1,15	0,01	-0,13	0,31**	0,08	0,11	0,43**	0,34**	0,30**	-0,13	-0,04	(0,50)							
12. Satisfação de vida	4,39	1,28	-0,05	-0,48**	0,38**	0,12	0,11	-0,11	0,25**	0,33**	-0,24**	0,19*	0,03	(0,80)						
13. Afeto Positivo	3,20	0,65	-0,01	-0,45**	0,56**	0,17	0,26**	-0,04	0,48**	0,51**	-0,25**	0,15	0,33**	0,56**	(0,80)					
14. Afeto Negativo	2,46	0,88	0,10	0,67**	-0,07	-0,27**	0,03	0,11	-0,04	-0,22*	0,61**	-0,07	-0,03	-0,42**	-0,22*	(0,89)				
15. Autoestima	2,86	0,62	-0,04	-0,79**	0,43**	0,19*	0,17	-0,01	0,36**	0,32**	-0,57**	0,19*	0,18	0,54**	0,57**	-0,58**	(0,90)			
16. QC1	3,06	10,49	-0,22*	-0,15	0,06	-0,05	0,03	-0,10	0,04	-0,11	0,01	0,16	-0,15	0,05	0,03	0,02	0,11	-		
17. QC2	8,88	6,97	-0,02	-0,18	0,25**	-0,10	0,03	-0,09	0,24**	0,11	-0,09	0,01	0,02	0,20*	0,20*	-0,15	0,18	0,08	-	
18. QC3	8,82	6,20	-0,01	-0,12	0,23*	0,11	-0,04	-0,07	0,20*	0,14	-0,11	0,07	0,07	0,31**	0,18	-0,12	0,21*	-0,10	0,22*	-
19. QC4	25,75	23,13	0,12	0,40**	-0,09	-0,28**	0,07	-0,02	-0,08	-0,22*	0,43**	<0,001	-0,08	-0,25**	-0,15	0,45**	-0,33**	0,01	0,06	-0,12

Nota. QC1 = "No último mês, quantas vezes, aproximadamente, você fez sexo desprotegido(a)?"; QC2 = "Quantos amigos próximos você tem?"; QC3 = "Em relação às pessoas que fazem parte da sua vida (amigos, familiares, etc.), com quantas delas você acredita que pode realmente contar?"; QC4 = "De ontem para hoje, com que frequência você se sentiu irritado(a)? (0 = 0% do tempo, 100 = 100% do tempo)"; Coeficientes alfa das escalas na diagonal principal, entre parêntesis. $N = 113$.

* $p < 0,05$

** $p < 0,01$

Tabela 22

Coefficientes de Correlação de Pearson entre Instabilidade Emocional Implícita (IAT) e as Facetas da BFP

	<i>M</i>	<i>DP</i>	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.	9.	10.	11.	12.	13.	14.	15.	16.	17.	18.
1. Instabilidade Emocional Implícita (IAT)	-0,52	0,38	(0,72)																	
2. Rea 1 - Vulnerabilidade	4,18	1,12	0,10	(0,80)																
3. Rea 2 - Instabilidade Emocional	3,89	1,48	0,14	0,56**	(0,85)															
4. Rea 3 - Passividade	4,23	1,16	0,18	0,46**	0,30**	(0,77)														
5. Rea 4 - Depressão	2,95	1,16	0,12	0,65**	0,53**	0,45**	(0,82)													
6. Rea 1 - Comunicação	3,98	1,32	0,04	-0,52**	-0,16	-0,18	-0,42**	(0,80)												
7. Rea 2 - Altivez	3,43	1,05	-0,01	0,05	0,12	0,11	-0,05	0,42**	(0,71)											
8. Rea 3 - Dinamismo	4,25	1,02	-0,12	-0,49**	-0,20*	-0,28**	-0,49**	0,64**	0,46**	(0,64)										
9. Rea 4 - Interações Sociais	4,60	1,21	-0,01	-0,20*	0,01	0,09	-0,19*	0,59**	0,50**	0,56**	(0,81)									
10. Rea 1 - Amabilidade	5,73	0,74	-0,06	0,09	0,08	0,05	0,09	0,01	0,02	0,19*	0,36**	(0,82)								
11. Rea 2 - Pró-socialidade	5,57	0,78	-0,07	0,01	-0,11	-0,23*	-0,17	-0,09	-0,33**	-0,16	-0,15	0,19*	(0,63)							
12. Rea 3 - Confiança nas pessoas	4,63	0,98	0,02	-0,46**	-0,45**	-0,13	-0,47**	0,30**	-0,18	0,26**	0,17	0,15	0,32**	(0,73)						
13. Rea 1 - Competência	4,60	0,88	-0,10	-0,33**	-0,12	-0,51**	-0,36**	0,33**	0,25**	0,59**	0,28**	0,25**	-0,07	0,16	(0,76)					
14. Rea 2 - Ponderação/Prudência	5,09	1,07	-0,03	0,01	-0,30**	-0,16	-0,07	-0,22*	-0,17	-0,16	-0,13	0,16	0,40**	0,09	0,03	(0,75)				
15. Rea 3 - Empenho	4,77	1,08	-0,03	0,18	0,20*	-0,33**	0,04	-0,02	0,12	0,14	-0,03	0,23*	0,23*	-0,16	0,44**	0,28**	(0,72)			
16. Aber 1 - Abertura a ideias	5,01	0,95	0,06	0,05	-0,06	-0,02	0,08	0,13	0,05	0,11	0,18	0,10	-0,12	-0,02	0,10	0,19*	0,13	(0,74)		
17. Aber 2 - Liberalismo	5,21	0,76	0,07	-0,01	0,15	0,10	0,18	0,07	0,07	0,11	0,24**	0,23*	-0,22*	-0,08	-0,001	-0,12	0,08	0,34**	(0,48)	
18. Aber 3 - Busca por novidade	4,26	0,99	-0,02	-0,02	-0,04	0,13	0,07	0,09	0,02	0,18	0,35**	0,15	-0,20*	0,01	0,05	-0,12	-0,03	0,36**	0,28**	(0,65)

Nota. Neu = Fator Neuroticismo; Extro = Fator Extroversão; Soci = Fator Socialização; Rea = Fator Realização; Aber = Fator Abertura. Coeficientes alfa das escalas na diagonal principal, entre parênteses. $N = 113$.

* $p < 0,05$

** $p < 0,01$

Por fim, testaram-se diferenças entre grupos nos níveis de instabilidade emocional implícita e explícita. Não houve diferença significativa entre homens e mulheres nos níveis de instabilidade emocional implícita, $t(111) = -0,20$; $p = 0,84$; $d = 0,03$; Hedge's $g = 0,03$. Mas houve diferença entre esses dois grupos nos níveis de instabilidade emocional explícita, sendo que as mulheres tiveram uma média maior ($M = 4,29$; $DP = 1,49$) do que os homens ($M = 3,35$; $DP = 1,30$), $t(111) = -3,46$; $p = 0,001$; $d = 0,67$; Hedge's $g = 0,68$. Além disso, não foi encontrada diferença significativa entre os participantes que declararam já ter feito ou estar fazendo terapia e os participantes que negaram isso, tanto no que diz respeito aos níveis de instabilidade emocional implícita, $t(111) = 0,28$; $p = 0,78$; $d = 0,05$; Hedge's $g = 0,05$, quanto aos níveis de instabilidade emocional explícita $t(111) = 1,46$; $p = 0,15$; $d = 0,28$; Hedge's $g = 0,28$. O mesmo padrão de resultados foi encontrado para consumo de bebida alcoólica. Não houve diferença significativa nos níveis de instabilidade emocional entre os participantes que declararam ter consumido bebida alcoólica, na semana anterior, e os participantes que afirmaram não ter consumido. Esse resultado foi encontrado para os níveis de instabilidade emocional implícita, $t(94,5) = 0,42$; $p = 0,68$; $d = 0,08$; Hedge's $g = 0,08$; e também para os níveis de instabilidade emocional explícita, $t(111) = 0,03$; $p = 0,97$; $d = 0,01$; Hedge's $g = 0,01$. Já os participantes que afirmaram ter feito ou estar fazendo uso de medicação para tratamento psicológico apresentaram maiores níveis de instabilidade emocional explícita ($M = 4,45$; $DP = 1,46$), em comparação àqueles que declararam não ter feito ou estar fazendo isso ($M = 3,70$; $DP = 1,45$), $t(111) = 2,42$; $p = 0,02$; $d = 0,51$; Hedge's $g = 0,52$; mas não houve diferença entre esses grupos nos níveis de instabilidade emocional implícita, $t(111) = -0,14$; $p = 0,89$; $d = 0,05$; Hedge's $g = 0,05$.

Em relação às questões critério específicas da faceta instabilidade, os participantes que declararam ter tido algum ataque de raiva, em algum momento da semana anterior, apresentaram maiores níveis de instabilidade emocional explícita ($M = 4,80$; $DP = 1,40$), comparados àqueles que afirmaram não ter experienciado isso ($M = 3,37$; $DP = 1,27$), $t(111) = 5,56$; $p < 0,001$; $d = 1,07$; Hedge's $g = 1,08$. No entanto, não houve diferença entre esses dois grupos nos níveis de instabilidade emocional implícita, $t(111) = 1,75$; $p = 0,08$; $d = 0,33$; Hedge's $g = 0,35$.

8

Discussão

8.1.

Evidências de validade baseadas no conteúdo

Os objetivos do Estudo 1 foram construir e buscar evidências de validade baseadas no conteúdo de medidas implícitas para aferir as facetas de neuroticismo. Partiu-se das definições dos construtos e elaborou-se uma lista de palavras representativas das categorias relacionadas ao indivíduo e às facetas de neuroticismo, em seus extremos alto e baixo. A adequação dos itens às categorias foi avaliada por juízes especialistas no construto e, também, por meio de uma tarefa computadorizada. Esse procedimento teve como objetivo garantir que as palavras escolhidas, além de representarem adequadamente o construto, eram facilmente identificáveis como pertencentes à sua respectiva categoria, pela população-alvo do teste. Essa tarefa foi elaborada com base em estudos prévios que ressaltaram a necessidade de procedimentos mais robustos para seleção de itens que compõem IATs (De Cuyper et al., 2017). Acredita-se que essa tenha sido uma proposta inovadora na área de mensuração implícita, uma vez que não se tem conhecimento de outros estudos que realizaram pré-testes implícitos para selecionar itens.

A vantagem desse procedimento, em comparação a estratégias usadas em estudos anteriores, consiste em minimizar uma possível fonte de variância de erro nos escores obtidos por meio de instrumentos implícitos. Como toda medida psicológica, o escore gerado pelo IAT não diz respeito apenas ao nível de traço latente dos respondentes, mas carrega erros associados (Gawronski, 2019). Alguns erros são aleatórios, não podendo ser previstos ou controlados; outros, porém, podem ser identificados e corrigidos. Por meio do procedimento elaborado neste estudo, é possível ter uma garantia adicional de que os respondentes associam fortemente as palavras escolhidas às suas respectivas categorias. Em termos práticos, isso pode evitar que o participante, ao responder ao teste, se confunda a respeito da categoria adequada para associar uma palavra. Uma medida implícita cujos itens não são fortemente associados às categorias, pela população-alvo do teste, pode exigir um esforço adicional dos participantes para associar as palavras às categorias corretas. Esse esforço, por conseguinte, pode resultar em uma

parcela do escore observado que não diz respeito ao nível de traço latente do indivíduo, mas ao tempo que o participante demora para recordar que um item pertence a uma determinada categoria. Nesse sentido, embora não seja possível eliminar os erros associados a medidas psicológicas, acredita-se que selecionar itens fortemente associados às categorias pode contribuir para aumentar a precisão de medidas implícitas.

Podem ser destacadas, porém, algumas limitações neste estudo. A escolha de palavras a serem postas à tarefa de associação, ou seja, a adequação dos itens às definições dos construtos, foi julgada por apenas três juízes. Outros estudos podem ampliar o número de juízes, a fim de obterem indicadores mais consistentes sobre a adequação dos itens. Além disso, algumas palavras selecionadas para a faceta instabilidade emocional parecem se referir menos a oscilações e mudanças bruscas de humor, que são as características centrais dessa faceta (Nunes et al., 2010), e mais a afetos negativos ou positivos. As palavras “zangado(a)”, “satisfeito(a)”, “bem-humorado(a)” e “mal-humorado(a)” parecem ser mais representativas de uma tendência a experimentar emoções positivas ou negativas do que de uma tendência a apresentar grandes oscilações de humor e impulsividade. Esse problema pode ter se dado, principalmente, devido ao procedimento escolhido para julgar a adequação dos itens às definições dos construtos, que contou com apenas três juízes. Outros estudos podem usar o procedimento implícito elaborado nesta pesquisa para ampliar as evidências de validade baseadas no conteúdo de testes implícitos, mas atentando-se para a necessidade de preservar uma avaliação mais criteriosa de juízes especialistas no construto.

Ainda, outros estudos podem empenhar-se em aprimorar o procedimento elaborado nesta pesquisa. A duração com que as palavras permaneciam na tela para que os participantes julgassem se elas eram representativas de uma categoria foi escolhida com base em estudos prévios e na avaliação de três juízes (0,7 segundos para as palavras das categorias relacionadas ao indivíduo e 0,9 segundos para as palavras das categorias relacionadas às facetas de neuroticismo). No entanto, existem formas mais precisas de selecionar o tempo ideal para que as palavras permaneçam na tela. Por exemplo, pode-se realizar um pré-teste em que os participantes sejam solicitados a apertar uma tecla imediatamente após conseguirem ler e compreender o conteúdo de uma palavra, de modo a indicar o

tempo mínimo necessário para que todas as palavras de uma categoria sejam compreendidas. Dessa forma, possíveis erros decorrentes da falta de tempo para compreender o conteúdo de uma palavra seriam minimizados, garantindo que as maiores taxas de acerto indicariam palavras mais fortemente associadas às categorias, e não uma maior facilidade de associação devido aos diferentes níveis de complexidade das palavras.

8.2.

Evidências de validade baseadas na estrutura interna

No Estudo 2, elaboraram-se IATs com as categorias e palavras selecionadas previamente. Submeteram-se, então, os instrumentos à prova empírica, para que fossem buscadas mais evidências de validade e obtidos indicadores de fidedignidade. As análises fatoriais exploratórias revelaram uma estrutura unifatorial para as medidas das facetas depressão, insegurança e passividade, em consonância com as definições dos construtos, que os concebem como subfatores de neuroticismo (Nunes et al., 2010). A medida de instabilidade emocional foi a única que revelou uma estrutura de dois fatores, sugerida por uma análise paralela de *eigenvalues* aleatórios. Optou-se, então, por excluir os dois itens que carregaram mais fortemente em um segundo fator, tendo em vista a definição do construto, e realizou-se uma nova análise fatorial exploratória. A versão de seis itens da medida de instabilidade emocional apresentou uma estrutura unifatorial. Esses resultados indicam que as medidas construídas apresentaram uma estrutura coerente com as definições dos construtos, indicando evidências de validade baseadas na estrutura interna dos instrumentos.

Existem, no entanto, algumas limitações observadas nos resultados das análises fatoriais. As comunalidades de alguns itens se mostraram próximas ao valor mínimo recomendado, que é 0,20 (Child, 2006). Estudos anteriores que testaram a estrutura de medidas implícitas de personalidade não apresentaram as comunalidades dos itens, não sendo possível verificar se essa é uma característica comum a esse tipo de medida (cf., Grumm & von Collani, 2007; Schmukle et al., 2008; Victoria & Soares, 2008). Baixas comunalidades indicam que os itens compartilham pouca variância com os demais itens de um fator, o que pode representar um problema no que diz respeito às evidências de validade baseadas na estrutura das medidas (Child, 2006). No caso da faceta instabilidade emocional, por exemplo, o item “paciente/nervoso(a)” compartilha apenas 17% de

variância com os demais itens do fator. Esse item se mostrou o único com comunalidade inferior a 0,20. Nesse sentido, considera-se que a faceta instabilidade emocional se mostrou a mais problemática no que diz respeito à estrutura da medida, possivelmente devido aos problemas de conteúdo já mencionados anteriormente. Além disso, o RMSEA das medidas de instabilidade emocional e passividade se mostraram um pouco superiores ao valor recomendado, considerando o limite máximo do intervalo de confiança (Brown, 2006).

8.3.

Fidedignidade

Ainda, testou-se a precisão dos instrumentos por meio de coeficientes alfa, ômega e teste-reteste. Os coeficientes alfa e ômega de todas as medidas mostraram-se superiores a 0,70, indicando consistência interna satisfatória (Nunnally, 1978). Os valores obtidos variaram de 0,72, para a faceta instabilidade emocional, a 0,84, para faceta passividade. Os coeficientes de correlação teste-reteste, por outro lado, mostraram-se um pouco abaixo do valor recomendado, variando de 0,56, para a faceta insegurança, a 0,62, para a faceta depressão. Mesmo que esses valores tenham se mostrado superiores aos obtidos em outros estudos que construíram testes implícitos de personalidade (e.g., De Cuyper et al., 2017), um valor considerado adequado, de acordo com manuais de psicometria, seria superior a 0,70 (Pasquali, 2011). Isso porque se espera que os escores obtidos em dois momentos de aplicação de uma medida compartilhem mais do que 49% de variância, para que uma medida seja considerada como capaz de produzir resultados precisos (Pasquali, 2011). Coeficientes teste-reteste elevados são ainda mais esperados quando o construto acessado tende a sofrer poucas variações ao longo do tempo, como é o caso do construto-alvo desta pesquisa (Nunes et al., 2010).

Estudos prévios encontraram o mesmo padrão de resultados no que diz respeito à fidedignidade de medidas implícitas, isto é, níveis de consistência interna comparáveis às medidas explícitas, mas uma estabilidade temporal inferior (e.g., De Cuyper et al., 2017). Alguns críticos basearam-se nesses resultados para defender que os escores obtidos por medidas implícitas seriam pouco informativos, pois poderiam indicar valores aleatórios (e.g., Mitchell, 2018). Argumenta-se, no entanto, que essa seria uma interpretação equivocada,

considerando o modelo dual de processamento de informação (Gawronski, 2019). De acordo com esse modelo, associações implícitas tendem a ser menos (e não igualmente) estáveis ao longo do tempo do que associações explícitas, pois variam em função do quanto um determinado conteúdo encontra-se acessível na memória (Gawronski & Bodenhausen, 2011). Assim, uma estabilidade temporal baixa ou moderada não representaria uma ameaça à precisão de instrumentos implícitos, mas revelaria que, tal como os construtos são concebidos, correlações teste-reteste inferiores são esperadas (Gawronski, 2019).

No caso específico da personalidade, entretanto, uma baixa estabilidade temporal pode representar uma limitação ao uso de medidas implícitas. Isso porque as associações implícitas são apenas um meio de acessar o construto-alvo, que são os diferentes padrões na forma como as pessoas tendem a pensar, sentir e se comportar (traços). Embora as associações implícitas apresentem mais variações ao longo do tempo, comparadas às associações explícitas, espera-se que os traços de personalidade se mantenham estáveis (Pervin, 1994). Nesse sentido, uma estabilidade temporal baixa ou moderada pode indicar que medidas implícitas de personalidade são altamente suscetíveis à influência de variáveis contextuais – uma característica indesejável em instrumentos que avaliam traços. Estudos futuros podem explorar meios de aumentar a estabilidade temporal das medidas construídas nesta pesquisa, por exemplo, testando a influência de pistas contextuais sobre os coeficientes de correlação teste-reteste (e.g., Gschwendner, Hofmann, & Schmitt, 2008).

Em um experimento que teve esse objetivo, Gschwendner et al. (2008) encontraram um coeficiente de correlação teste-reteste maior quando pistas contextuais foram apresentadas aos participantes, em comparação ao grupo que não teve acesso a essas pistas. Eles construíram um IAT para acessar traços ansiosos e inseriram imagens relacionadas a ansiedade no plano de fundo do teste. O grupo experimental foi solicitado a responder a esse teste em dois momentos, com um intervalo de duas semanas entre as aplicações. O grupo controle respondeu a uma versão similar do teste, exceto que, para esse grupo, não havia imagens relacionadas a ansiedade no plano de fundo, mas estímulos neutros. Os autores concluíram que as pistas contextuais relacionadas ao construto-alvo aumentaram significativamente o coeficiente de correlação teste-reteste da medida (Gschwendner et al., 2008). Essa estratégia se mostra especialmente relevante

para IATs que avaliam traços, pois se propõe a tornar uma parte do autoconceito igualmente acessível na memória dos respondentes (Gawronski, 2019). Assim, mantém-se constante a influência do contexto e obtêm-se escores que indicam diferenças individuais mais estáveis.

8.4.

Evidências da validade baseadas nas relações com outras variáveis

Adicionalmente, testaram-se relações entre as medidas construídas e outras variáveis, em busca de mais evidências de validade. Conforme esperado, os níveis de traços depressivos implícitos se correlacionaram positivamente com a faceta Depressão (BFP) e com o fator Neuroticismo (RED5). Também na direção esperada, encontraram-se correlações negativas entre depressão implícita e satisfação de vida; e entre depressão implícita e autoestima. Essas relações constituem importantes evidências de validade para a medida construída, pois, de acordo com estudos prévios, pessoas depressivas tendem a avaliar-se negativamente, tanto no que diz respeito ao próprio self, quanto às condições de vida que acreditam possuir (Klein, Kotov, & Bufferd, 2011; Quevedo & Abella, 2011; Woyciekoski et al., 2014).

Além disso, encontrou-se correlação negativa entre depressão implícita e o quanto as pessoas acreditavam que coisas boas aconteceriam em suas vidas, em um momento futuro. Esse resultado era esperado considerando que uma elevada desesperança em relação ao futuro é uma das principais características de pessoas com altos níveis de traços depressivos, conforme a definição do construto (Nunes et al., 2010). Em contrapartida, algumas relações esperadas não foram encontradas. Por exemplo, não houve correlação significativa entre a medida construída e o fator Neuroticismo da BFP, assim como com as dimensões afetivas do bem-estar subjetivo.

No que diz respeito às diferenças entre grupos, a medida explícita de traços depressivos se mostrou mais eficiente para discriminar grupos na direção esperada, em comparação com a medida implícita. O contrário foi observado apenas em uma das questões critério, mais especificamente, na que dizia respeito ao participante não ter conseguido segurar o choro, em algum momento da semana anterior. Pessoas que afirmaram isso apresentaram maiores níveis de depressão implícita, mas não explícita. Essa questão critério foi elaborada com o intuito de acessar um comportamento automático, pois se refere a um

comportamento não verbal e pouco controlável. Em consonância com resultados de estudos anteriores, esse resultado reforça a ideia de que medidas implícitas seriam mais eficientes para prever comportamentos automáticos (e.g., Back et al., 2009; Steffens & Schulze-König, 2006). Estudos futuros podem elaborar delineamentos mais complexos para acessar comportamentos automáticos e deliberados, preferencialmente usando a observação do comportamento como instrumento de medida.

A medida de insegurança também se relacionou de maneira esperada com outras variáveis. Destacam-se as correlações positivas com Neuroticismo (BFP), Passividade (BFP) e afeto negativo; e as correlações negativas com satisfação de vida, afeto positivo e autoestima. Essas relações são esperadas considerando que os subfatores de neuroticismo são correlacionados entre si e tendem a se correlacionar negativamente com o bem-estar subjetivo e com a autoestima (Frost & Natividade, 2017; Natividade & Hutz, 2016; Natividade & Hutz, 2015; Quevedo & Abella, 2011; Woyciekoski et al., 2014). Em direção contrária à esperada, porém, a medida implícita de insegurança não se correlacionou com a faceta Vulnerabilidade (BFP) e com o fator Neuroticismo (RED5). Esperava-se que a medida construída se correlacionasse com a faceta Vulnerabilidade (BFP), pois ambas se propõem a acessar as mesmas características de personalidade.

Assim como na faceta anterior, a medida explícita de insegurança se mostrou mais eficiente para discriminar grupos na direção esperada, em comparação com a medida implícita. Isso foi observado tanto nas questões critério gerais de neuroticismo, quanto nas questões elaboradas especificamente para essa faceta, que questionavam se o participante havia sentido medo que alguém deixasse de gostar dele, no dia anterior, ou reclamado com alguém por julgar que estava recebendo atenção, na semana anterior. Pessoas que responderam afirmativamente a essas questões apresentaram maiores níveis de insegurança explícita, em comparação a quem respondeu negativamente. Mas não houve diferenças entre esses grupos nos níveis de insegurança implícita. Essas questões são consideradas comportamentos típicos da faceta insegurança, conforme a definição do construto (Nunes et al., 2010).

No que diz respeito à faceta passividade, destacam-se as correlações positivas de passividade implícita com Neuroticismo (BFP), Passividade (BFP), Depressão (BFP) e quantas vezes os participantes deixaram tarefas para “última

hora”, no mês anterior. Além disso, a medida construída se correlacionou negativamente com Extroversão (BFP) e as suas facetas Comunicação (BFP), Altiuez (BFP) e Dinamismo (BFP). Ainda, encontraram-se correlações negativas de passividade implícita com satisfação de vida, afeto positivo e autoestima. Todas essas relações eram esperadas, considerando que adiar o início de tarefas é uma característica central dessa faceta (Nunes et al., 2010) e o padrão já citado de relações das facetas de neuroticismo com o bem-estar subjetivo e a autoestima (Frost & Natividade, 2017; Natividade & Hutz, 2016; Natividade & Hutz, 2015; Quevedo & Abella, 2011; Woyciekoski et al., 2014).

Vale ressaltar que a faceta passividade como subjacente ao fator neuroticismo não é consenso entre os instrumentos que se propõem a acessar os cinco grandes fatores. Nesta pesquisa, optou-se por usar a BFP como referência para a construção das medidas. Essa medida considera passividade como um dos subfatores de neuroticismo (Nunes et al., 2010). Em outras medidas, porém, traços referentes a uma tendência a apresentar baixos níveis de energia para iniciar e concluir tarefas estão subjacentes ao fator extroversão (e.g., Soto & John, 2017). Embora, por teoria, os fatores do Big5 sejam independentes, os resultados desta pesquisa reforçam a ideia de que pode haver sobreposição de traços de passividade nos fatores neuroticismo e extroversão, tal como os construtos são definidos na BFP.

As diferenças entre grupos nos níveis de passividade apresentaram o mesmo padrão observado nas medidas anteriores, isto é, a medida explícita se mostrou mais eficiente para discriminar grupos nas direções esperadas. Pessoas que afirmaram ter adiado o início de alguma tarefa, por falta de paciência, apresentaram maiores níveis de passividade explícita, em comparação a quem declarou não ter adiado. Ao contrário, pessoas que afirmaram ter se antecipado para realizar alguma tarefa, por se sentirem empolgadas, apresentaram menores níveis de passividade explícita, em comparação a quem declarou não ter se antecipado. Esperava-se que a medida implícita também conseguisse discriminar os grupos nessas direções, considerando que esses comportamentos são altamente representativos da faceta passividade, conforme a definição do construto (Nunes et al., 2010).

Entre as medidas construídas, a medida de instabilidade emocional foi a que menos se relacionou de maneira esperada com outras variáveis. A única

correlação significativa encontrada foi entre instabilidade emocional implícita e Neuroticismo (RED5). Além disso, não houve diferenças entre grupos nos níveis de instabilidade emocional implícita, mas a medida explícita de instabilidade emocional foi capaz de discriminar grupos na direção esperada. Por exemplo, mulheres apresentaram maiores níveis de instabilidade emocional explícita, em comparação aos homens. Esse resultado já foi encontrado em estudos anteriores, que ressaltaram diferenças sexuais nos níveis de instabilidade emocional (Nunes et al., 2010; Soto & John, 2017).

Ainda, pessoas que afirmaram já ter feito ou estar fazendo uso de medicação para tratamento psicológico apresentaram maiores níveis de instabilidade emocional explícita, em comparação a quem negou isso. Apesar de não ter havido diferença entre esses grupos nos níveis de instabilidade emocional implícita, esse resultado era esperado considerando que oscilações bruscas de humor e impulsividade são características presentes em diversos quadros psiquiátricos, como o transtorno de personalidade borderline (Searight, 1992). Todos juntos, esses resultados reforçam as ressalvas feitas anteriormente sobre as evidências de validade da medida de instabilidade emocional, tanto no que diz respeito ao conteúdo e à estrutura, quanto às relações com outras variáveis.

As medidas construídas nesta pesquisa, de maneira geral, se correlacionaram com outras variáveis nas direções esperadas, mas se mostraram menos capazes de discriminar grupos a partir de critérios comportamentais. Esses resultados reforçam o que já vem sendo encontrado na literatura sobre as medidas implícitas serem menos eficientes para prever comportamentos considerados como típicos do construto-alvo (Costantini et al., 2015; Schmukle et al., 2008). Há que se considerar, entretanto, que essa questão faz parte de um debate mais amplo e que não necessariamente esses resultados indicam problemas de validade dos testes, mas podem indicar falhas metodológicas (Garowski, 2019).

Existem diversas razões apontadas como responsáveis por um baixo poder discriminativo e preditivo de medidas implícitas. Em uma tentativa de organizar os conhecimentos acumulados até o momento sobre mensuração implícita, Garowski (2019) mostrou que os estudos têm falhado em considerar os moderadores das relações entre associações implícitas e comportamentos. De acordo com ele, não há suporte teórico consistente para esperar relações incondicionadas entre testes implícitos e desfechos comportamentais. Isso porque

o poder preditivo de associações implícitas varia em função do tipo de comportamento observado, das condições sob as quais um comportamento se manifesta (ausência ou presença de deliberação) e de algumas diferenças individuais, como uma predisposição para processar informações de maneira intuitiva ou deliberada. O resultado encontrado para a faceta depressão, nesta pesquisa, reforça a ideia de que uma diferenciação do tipo de comportamento (automático ou deliberado) pode contribuir para aumentar a validade preditiva de medidas implícitas. Além disso, é preciso atentar-se para a confiabilidade das medidas de critério comportamental (Garownki, 2019). Nesse sentido, pode-se considerar como limitações desta pesquisa a ausência de análises de moderação e a mensuração retrospectiva de comportamentos, que está sujeita a distorções decorrentes de falhas de memória.

Também existe um amplo debate na literatura sobre as razões para as baixas correlações entre testes implícitos e explícitos (ver Hofmann et al., 2005). Nesta pesquisa, a falta de convergência conceitual entre as medidas de personalidade pode ter sido a principal responsável por correlações que eram esperadas teoricamente, mas se mostraram fracas ou não significativas. Enquanto as medidas construídas nesta pesquisa acessam a personalidade por meio de adjetivos representativos de categorias, a BFP o faz por meio de afirmativas. Isso pode representar uma possível fonte de divergência conceitual entre as duas medidas. Além disso, a própria estrutura do IAT pode ter contribuído para resultados dissonantes entre as medidas implícitas e explícitas. Por meio dos IATs construídos nesta pesquisa, não é possível saber o quanto uma pessoa associa traços de neuroticismo a si mesma, isoladamente, mas apenas em comparação com um “outro” inespecífico (Karpinski, 2004). Ao contrário, instrumentos de autorrelato buscam acessar o quanto uma pessoa associa determinada característica a si mesma, independentemente do quanto acredita que outra pessoa possui essa característica. Nesse sentido, estudos futuros podem explorar outros tipos de medidas implícitas (e.g., IAT de categoria única; Karpinski & Steinman, 2006) e explícitas (e.g., diferencial semântico) das facetas de neuroticismo, ampliando a convergência conceitual entre as duas formas de medida. Assim, torna-se possível fazer afirmações mais consistentes sobre o significado das relações encontradas, por exemplo, a de que correlações fracas indicariam divergências entre os processos mentais acessados por medidas implícitas e

explícitas (Garownki, 2019).

Outra possível explicação para as relações não encontradas diz respeito ao tamanho da amostra. Diretrizes atuais em psicologia têm enfatizado a importância de adotar boas práticas de pesquisa para evitar resultados falso-positivos ou falso-negativos, incluindo a seleção de amostras suficientemente grandes (Finkel, Eastwick, & Reis, 2015). Uma análise de poder do estudo envolve o cálculo do número de participantes necessário para encontrar um determinado tamanho de efeito (Abraham & Russel, 2008). Quanto menor o tamanho de efeito encontrado na literatura, mais participantes são necessários para evitar erros do tipo I e II (Abraham & Russel, 2008). No caso das relações entre testes implícitos e explícitos, o tamanho de efeito encontrado em metanálises tem sido próximo a 0,20 (De Cuyper et al., 2017; Hofmann et al., 2005), que é considerado um tamanho de efeito pequeno (Abraham & Russel, 2008). Um cálculo amostral prévio e uma busca por mais participantes poderiam ter aumentado o poder deste estudo, minimizando possíveis erros inferenciais.

Além do tamanho da amostra, as características dos participantes se mostraram pouco representativas da população brasileira. A amostra foi composta, em sua maioria, por estudantes de graduação de uma única universidade. Ampliar a representatividade amostral consiste em um desafio para estudos que utilizam medidas implícitas, pois a aplicação dessas medidas depende de um ambiente silencioso e com poucos estímulos visuais. Nesta pesquisa, prezou-se por um ambiente de coleta controlado e optou-se por realizar uma coleta inteiramente presencial. Outros estudos, porém, podem buscar mais evidências de validade em amostras maiores e mais diversificadas, por exemplo, por meio de versões on-line das medidas construídas nesta pesquisa.

Outra possibilidade para estudos futuros consiste em construir uma medida única para avaliar o fator neuroticismo e as suas facetas. Para tanto, pode-se aplicar as medidas construídas nesta pesquisa em uma amostra única e conduzir novos testes sobre a estrutura, a confiabilidade e as relações com outras variáveis. Nesta pesquisa, optou-se por coletar dados para cada faceta em amostras separadas. Isso porque considerou-se que o questionário seria demasiadamente longo, caso as quatro medidas fossem aplicadas nos mesmos participantes, tendo em vista a necessidade de incluir instrumentos para acessar variáveis externas. O IAT é um teste que exige altos níveis de concentração e uma possível fadiga nos

respondentes pode resultar em mais erros de medida. Sendo assim, outros estudos podem reduzir o número de instrumentos que compõem o questionário e privilegiar o teste empírico de uma medida única, com o objetivo de verificar se os itens das medidas se agruparão em quatro fatores, conforme a definição do construto (Nunes et al., 2010).

Mesmo com as limitações citadas anteriormente, considera-se que foram encontradas evidências de validade satisfatórias para as medidas construídas. As medidas de depressão, insegurança e passividade se relacionaram de maneira esperada com diversas variáveis. Além disso, a estrutura e a confiabilidade dessas medidas se mostraram adequadas. Ainda que os coeficientes de correlação teste-reteste tenham se mostrado um pouco abaixo de um valor considerado ideal, os valores obtidos foram superiores aos encontrados em estudos prévios (De Cuyper et al., 2017). Esses resultados podem ter sido consequência, sobretudo, do procedimento empírico elaborado para selecionar itens, que visou à redução de erros de medida decorrentes de uma associação fraca entre os itens e as categorias que compõem testes implícitos.

Uma ressalva deve ser feita, porém, sobre as relações encontradas entre as medidas construídas e a autoestima. Embora a força dessas correlações tenha sido apenas moderada, mostrou-se superior às correlações obtidas entre as medidas implícitas e explícitas de personalidade. Outros estudos podem investigar mais a fundo se há atribuição de carga afetiva aos itens das medidas construídas nesta pesquisa (ver Grumm & von Collani, 2007). Além disso, recomenda-se que outros estudos se empenhem em aperfeiçoar a medida de instabilidade emocional, corrigindo os erros assinalados nesta pesquisa, e em ampliar as evidências de validade das outras medidas construídas, incorporando as diretrizes metodológicas mais atuais da área (Garownki, 2019).

9

Considerações finais

Os principais objetivos deste estudo foram construir e buscar evidências de validade de medidas implícitas para aferir as facetas de neuroticismo. Esta pesquisa foi elaborada com o intuito de disponibilizar, para o contexto brasileiro, medidas capazes de acessar características de personalidade de maneira indireta. Buscou-se apresentar evidências de validade baseadas no conteúdo, na estrutura interna e nas relações com outras variáveis, além de indicadores de fidedignidade. A partir dos resultados obtidos, considera-se que as medidas de depressão, insegurança e passividade apresentaram evidências de validade satisfatórias. Essas medidas podem se mostrar úteis para a avaliação da personalidade em pesquisas e em contextos aplicados. As evidências de validade da medida de instabilidade emocional, no entanto, ainda são incipientes, considerando-se os problemas relacionados ao conteúdo, à estrutura interna e às relações com outras variáveis.

Apesar das dificuldades e limitações encontradas, acredita-se que esta pesquisa contribuiu para o campo de mensuração implícita da personalidade. Poucos estudos, até o momento, haviam disponibilizado medidas implícitas adequadas ao contexto brasileiro. Mesmo os que se propuseram a isso apresentaram poucas evidências de validade, por exemplo, baseadas na estrutura interna (Victoria & Fontenelle, 2011; Oliveira et al., 2012). Além disso, pela primeira vez, até onde se pôde investigar, realizou-se um procedimento implícito para a seleção de itens. Esse procedimento pode ter contribuído para aumentar a precisão das medidas construídas, resultando em coeficientes de correlação teste-reteste superiores aos que têm sido encontrados na literatura (De Cuyper et al., 2017). Ainda assim, outros estudos podem aplicar mais estratégias para aumentar a confiabilidade das medidas construídas (e.g., Gschwendner et al., 2008). Uma estabilidade temporal satisfatória é um pré-requisito fundamental para que medidas de personalidade possam ser usadas em contextos aplicados, principalmente quando há consequências importantes para a vida dos testandos.

A maioria dos resultados obtidos nesta pesquisa se mostrou consonante com estudos prévios. Por exemplo, as correlações das medidas construídas com outras variáveis se mostraram de intensidade fraca a moderada e as medidas implícitas foram menos eficientes para discriminar grupos, comparadas às

explícitas (De Cuyper et al., 2017; Hofmann et al., 2005). Nesse sentido, é preciso levar em conta que medidas implícitas de conteúdos cognitivos ainda são consideradas tecnologias novas em psicologia. Embora a psicometria, como área do conhecimento, tenha tido início com o estudo de diferenças individuais, as teorias psicométricas se desenvolveram a partir de testes de aptidão e de concordância (Gregory, 2014). Ao mesmo tempo que alguns resultados encontrados podem indicar problemas de validade das medidas construídas, pode ser que outros digam respeito a confusões teóricas e metodológicas que ainda permeiam a área, devido à sua recenticidade (Garownki, 2019). Assim, é preciso que novos estudos sigam as orientações mais atuais da área para diminuir a ambiguidade dos resultados e caminhar em direção a um campo de conhecimento mais robusto (Garownki, 2019).

Nesta pesquisa, duas recomendações atuais foram seguidas, mais especificamente, a de elaborar procedimentos empíricos para selecionar itens e a de construir instrumentos específicos para as facetas subjacentes aos cinco grandes fatores (De Cuyper et al., 2017). Acredita-se que uma perspectiva mais específica de mensuração da personalidade pode contribuir para aumentar a validade preditiva dessas medidas (De Cuyper et al., 2017). No entanto, outras recomendações não foram incorporadas, como garantir convergência conceitual entre as medidas implícitas e explícitas, além de testar o papel moderador de outras variáveis sobre as relações entre testes implícitos e comportamentos (Garownki, 2019). Apenas por meio dessas estratégias será possível fazer interpretações mais consistentes sobre a natureza dos construtos acessados (Garownki, 2019). Além disso, essas estratégias podem revelar as condições sob as quais se espera que medidas explícitas ou implícitas sejam mais úteis para prever comportamentos, apontando para uma possível perspectiva de complementariedade entre os escores obtidos pelas duas formas de medida.

Devido aos problemas citados previamente e reforçados com os resultados desta pesquisa, o uso de medidas implícitas em contextos aplicados ainda é considerado prematuro (De Cuyper et al., 2017; Siers & Christiansen, 2013). Em contextos clínicos e organizacionais, por exemplo, medidas de personalidade são usadas para guiar decisões sobre possíveis intervenções psicoterapêuticas ou alocação de indivíduos a postos de trabalho adequados, resultando em consequências imediatas para a vida das pessoas. Além disso, a mensuração do

fator neuroticismo tem contribuído para fazer previsões sobre riscos de desencadeamento de transtornos mentais e desempenho profissional (Klein et al., 2011; Slaughter & Kausel, 2009). O uso de medidas implícitas das facetas de neuroticismo, nesses contextos, pode contribuir para capturar respostas mais espontâneas e menos suscetíveis a falseamentos, mesmo quando as pessoas estão altamente motivadas a construir uma imagem favorável de si mesmas. Para isso, no entanto, mais evidências de validade e fidedignidade são desejáveis, principalmente no que diz respeito às medidas se mostrarem capazes de prever comportamentos e produzir resultados consistentes ao longo do tempo.

Referências bibliográficas

- Abraham, W. T., & Russell, D. W. (2008). Statistical power analysis in psychological research. *Social and Personality Psychology Compass*, 2, 283–301. doi:10.1111/j.1751-9004.2007.00052.x
- Allport, F. H., & Allport, G. W. (1921). Personality traits: Their classification and measurement. *Journal of Abnormal Psychology and Social Psychology*, 16(1), 6-40. doi: 10.1037/h0069790
- Allport, G. W. (1966). *Personalidade: padrões e desenvolvimento*. São Paulo: Herder.
- Amirazodi, F., & Amirazodi, M. (2011). Personality traits and self-esteem. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 29, 713–716. doi: 10.1016/j.sbspro.2011.11.296
- Asendorpf, J. B., Banse, R., & Mücke, D. (2002). Double dissociation between implicit and explicit personality self-concept: The case of shy behavior. *Journal of Personality and Social Psychology*, 83, 380-393. doi: 10.1037//0022-3514.83.2.380
- Back, M. D., Schmukle, S. C., & Egloff, B. (2009). Predicting actual behavior from the explicit and implicit self-concept of personality. *Journal of Personality and Social Psychology*, 97, 533-548. doi: 0.1037/a0016229
- Barenbaum, N. B., & Winter, D. G. (2010). History of modern personality theory and research. In O. P. John, R. W. Robins, & L. A. Pervin (Eds.), *Handbook of personality: Theory and research* (3rd ed., pp. 114-158). New York: Guilford Press.
- Blanton, H., & Jaccard, J. (2017). You can't assess the forest if you can't assess the trees: Psychometric challenges to measuring implicit bias in crowds. *Psychological Inquiry*, 28, 249–257. doi: 10.1080/1047840X.2017.1373550
- Bosson, J. K., Swann, W. B., & Pennebaker, J. W. (2000). Stalking the perfect measure of implicit self-esteem: The blind men and the elephant revisited? *Journal of Personality and Social Psychology*, 79, 631–643. doi: 10.1037//0022-3514.79.4.631
- Brown, T. A. (2006). *Confirmatory factor analysis for applied research*. New York, NY: Guilford.

- Burns, R. B. (1979). *The Self-Concept: Theory, Measurement, Development and Behaviour*. London: Longmans.
- Carlston, D. (2010). Models of Implicit and Explicit Mental Representation. In B. Gawronski, & B. K. Payne (Eds.), *Handbook of implicit social cognition: Measurement, theory, and applications* (pp. 38-61). New York, NY: Guilford Press.
- Caspi, A., Roberts, B. W., & Shiner, R. L. (2005). Personality development: Stability and change. *Annual Review of Psychology*, *56*, 453-484. doi: 10.1146/annurev.psych.090902.141913
- Child, D. (2006). *The essentials of factor analysis*. (3rd ed.). New York, NY: Continuum International Publishing Group.
- Colom, R. (2006). História da psicologia das diferenças individuais. In C.E. Flores-Mendoza & R. Colom (Eds.), *Introdução à psicologia das diferenças individuais* (pp. 15-36). Porto Alegre: Artmed.
- Costa, A. R. L., & Hauck Filho, N. (2017). Menos desejabilidade social é mais desejável: Neutralização de instrumentos avaliativos de personalidade. *Interação em Psicologia*, *21*(3), 239-249. doi: 10.5380/psi.v21i3.53054
- Costa, P. T., & McCrae, R. R. (2007). *NEO PI-R: Inventário de personalidade NEO revisado e inventário de cinco fatores NEO revisado NEO-FFI-R [Versão curta]*. São Paulo: Vetor Editora Psico-Pedagógica.
- Costa, P. T., Terracciano, A., & McCrae, R. R. (2001). Gender differences in personality traits across cultures: Robust and surprising findings. *Journal of Personality and Social Psychology*, *81*(2), 322-331. doi: 10.1037/0022-3514.81.2.322
- Costantini, G., Richetin, J., Borsboom, D., Fried, E. I., Rhemtulla, M., & Perugini, M. (2015). Development of indirect measures of conscientiousness: Combining a facets approach and network analysis. *European Journal of Personality*, *29*, 548-567. doi: 10.1002/per.2014*
- Cronbach, L. (1951). Coefficient alpha and the internal structure of tests. *Psychometrika*, *16*(3), 297-334. doi: 10.1007/bf02310555
- Cvencek, D., Greenwald, A. G., Brown, A. S., Gray, N. S., & Snowden, R. J. (2010). Faking of the Implicit Association Test is statistically detectable and partly correctable. *Basic and Applied Social Psychology*, *32*(4), 302-314. doi: 10.1080/01973533.2010.519236

- De Cuyper, K., De Houwer, J., Vansteelandt, K., Perugini, M., Pieters, G., Claes, L., & Hermans, D. (2017). Using indirect measurement tasks to assess the self-concept of personality: A systematic review and meta-analyses. *European Journal of Personality, 31*(1), 8–41. doi: 10.1002/per.2092
- De Houwer, J., & Moors, A. (2010). Implicit measures: Similarities and differences. In B. Gawronski, & B. K. Payne (Eds.), *Handbook of implicit social cognition: Measurement, theory, and applications* (pp. 176-193). New York, NY: Guilford Press.
- Dentale, F., Vecchione, M., & Barbaranelli, C. (2015). Applying the IAT to Assess Big Five Personality Traits: A Brief Review of Measurement and Validity Issues. In Z. Jin (Ed.), *Exploring Implicit Cognition: Learning, Memory, and Social Cognitive Processes* (pp. 1-15). Hershey, PA: IGI Global.
- Diener, E., Emmons, R., Larsen, R., & Griffin, S. (1985). The satisfaction with life scale. *Journal of Personality Assessment, 49*, 91–95. doi: 10.1207/s15327752jpa4901_13
- Digman, J. M. (1989). Five robust trait dimensions: Development, stability, and utility. *Journal of Personality, 57*(2), 195-214. doi: 10.1111/j.1467-6494.1989.tb00480.x
- Draine, S. C. (2001). *Inquisit: Version 1.32*. Seattle, WA: Millisecond Software.
- Egloff, B., & Schmukle, S. C. (2002). Predictive validity of an Implicit Association Test for assessing anxiety. *Journal of Personality and Social Psychology, 83*, 1441-1455. doi: 10.1037//0022-3514.83.6.1441
- Fazio, R. H., & Olson, M. A. (2003). Implicit measures in social cognition research: Their meaning and uses. *Annual Review of Psychology, 54*, 297-327. doi: 10.1146/annurev.psych.54.101601.145225
- Fazio, R. H., & Olson, M. A. (2014). The MODE model: Attitude behavior processes as a function of motivation and opportunity. In J. W. Sherman, B. Gawronski, & Y. Trope (Eds.), *Dual process theories of the social mind* (pp. 155-171). New York, NY: Guilford Press.
- Finkel, E. J., Eastwick, P. W., & Reis, H. T. (2015). Best research practices in psychology: Illustrating epistemological and pragmatic considerations with the case of relationship science. *Journal of Personality and Social Psychology, 108*, 275-297. doi: 10.1037/pspi0000007.

- Frost, A. S. & Natividade, J. C. (2017). *Self-esteem predicting subjective well-being beyond big five factors of personality*. Pôster apresentado no 5th World Congress of the International Positive Psychology Association, Montreal, QC.
- Gawronski, B. (2019). Six lessons for a cogent science of implicit bias and its criticism. *Perspectives on Psychological Science*, 14(4), 574-595. doi: 10.1177/1745691619826015
- Gawronski, B., & Bodenhausen, G. V. (2011). The associative-propositional evaluation model: Theory, evidence, and open questions. In J. M. Olson & M. P. Zanna (Eds.), *Advances in experimental social psychology* (Vol. 44, pp. 59–127). San Diego, CA: Academic Press.
- Goldberg, L. R. (1990). An alternative description of personality - the Big-5 factor structure. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59(6), 1216-1229.
- Goldberg, L. R. (1992). The development of markers for the Big-Five factor structure. *Psychological Assessment*, 4(1), 26-42. doi: 10.1037/1040-3590.4.1.26
- Gouveia, V. V., Athayde, R. A. A., Mendes, L. A. C., & Freire, S. E. A. (2012). Introdução às medidas implícitas: conceitos, técnicas e contribuições. *Diaphora*, 12(1), 80-92.
- Gouveia, V. V., Mendes, L. A. D. C., Freire, S. E. D. A., Freires, L. A., & Barbosa, L. H. G. M. (2014). Mensurando Associação Implícita com o FreeIAT em português: Um exemplo com atitudes implícitas frente ao poliamor. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 27, 679-688. doi: 10.1590/1678-7153.201427408
- Greenwald, A. G., & Farnham, S. D. (2000). Using the Implicit Association Test to measure self-esteem and self-concept. *Journal of Personality and Social Psychology*, 79, 1022-1038. doi: 10.1037/KK122-3514.79.6.10?2
- Greenwald, A. G., Banaji, M. R., Rudman, L. A., Farnham, S. D., Nosek, B. A., & Mellot, D. S. (2002). A unified theory of implicit attitudes, stereotypes, self-esteem, and self-concept. *Psychological Review*, 109, 3-25. doi: 10.1037//0033-295X.109.1.3
- Greenwald, A. G., McGhee, D. E., & Schwartz, J. (1998). Measuring individual differences in implicit cognition: The Implicit Association Test. *Journal of Personality & Social Psychology*. 74, 1464-1480. doi: 0022-3514/98/\$3.00

- Greenwald, A. G., Nosek, B., & Banaji, M. R. (2003). Understanding and using the Implicit Association Test: I. An improved scoring algorithm. *Journal of Personality & Social Psychology*, 85, 197-216. doi: 10.1037/0022-3514.85.2.197
- Gregory, R. J. (2014). The history of psychological testing. In R. J. Gregory (Ed.), *Psychological testing: History, principles, and applications* (7th ed., pp. 1-28). Upper Saddle River, NJ: Pearson.
- Grumm, M., & von Collani, G. (2007). Measuring Big-Five personality dimensions with the implicit association test: Implicit personality traits or self-esteem? *Personality and Individual Differences*, 43, 2205-2217. doi: 10.1016/j.paid.2007.06.032
- Gschwendner, T., Hofmann, W., & Schmitt, M. (2008). Differential stability. The effects of acute and chronic construct accessibility on the temporal stability of the Implicit Association Test. *Journal of Individual Differences*, 29, 70-79. doi: 10.1027/1614-0001.29.2.70
- Hahn, A., & Gawronski, B. (2015). Implicit social cognition. In J. D. Wright (Ed.), *The international encyclopedia of the social and behavioral sciences* (2nd edition, pp. 714-720). Oxford: Elsevier.
- Hauck Filho, N., Machado, W. L., Teixeira, M. A. P., & Bandeira, D. R. (2012). Evidências de validade de marcadores reduzidos para a avaliação da personalidade no modelo dos Cinco Grandes Fatores. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28, 417-423. doi: 10.1590/S0102-37722012000400007
- Hofmann, W., Gawronski, B., Gschwendner, T., Le, H., & Schmitt, M. (2005). A meta-analysis on the correlation between the Implicit Association Test and explicit self-report measures. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 31, 1369-1385. doi: 10.1177/0146167205275613
- Hutz, C. S., Nunes, C. H., Silveira, A. D., Serra, J., Anton, M., & Wiczorek, L. S. (1998). O desenvolvimento de marcadores para a avaliação da personalidade no modelo dos cinco grandes fatores. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11(2), 395-411. doi: 10.1590/S0102-79721998000200015
- Hutz, C. S., Zanon, C., & Bardagi, M. P. (2014). Satisfação de vida. In C. S. Hutz (Org.), *Avaliação em Psicologia Positiva* (pp. 43-47). Porto Alegre, RS: Artmed.
- Hutz, C. S., Zanon, C., & Vazquez, A. C. S. (2014). Escala de autoestima de

- Rosenberg. In C. S. Hutz (Org.), *Avaliação em Psicologia Positiva* (pp. 85-93). Porto Alegre, RS: Artmed.
- IBM (2015). *IBM SPSS Statistics for Windows*, Version 23.0. Armonk, NY: IBM Corp.
- Ito, P. C. P., Gobitta, M., & Guzzo, R. S. L. (2007). Temperamento, neuroticismo e autoestima: Estudo preliminar. *Estudos de Psicologia*, 24, 143-153. doi: 10.1590/S0103-166X2007000200001
- James, L. R., & Lebreton, J. M. (2011). *Assessing the implicit personality through conditional reasoning* (1st ed.). Washington, DC: American Psychological Association.
- John, O. P., Angleitner, A., & Ostendorf, F. (1988). The lexical approach to personality - a historical review of trait taxonomic research. *European Journal of Personality*, 2(3), 171-203. doi: 10.1002/per.2410020302
- Karpinski, A. (2004). Measuring self-esteem using the Implicit Association Test: The role of the other. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 30, 22-34. doi: 10.1177/0146167203258835
- Karpinski, A., & Steinman, R. B. (2006). The single category Implicit Association Test as a measure of implicit social cognition. *Journal of Personality and Social Psychology*, 91, 16-32. doi: 10.1037/0022-3514.91.1.16
- Klein, D. N., Kotov, R., & Bufferd, S. J. (2011). Personality and depression: Explanatory models and review of the evidence. *Annual Review of Clinical Psychology*, 7, 269-295. doi:10.1146/annurev-clinpsy-032210-104540
- Lahey B. B. (2009). Public health significance of neuroticism. *American Psychologist*, 64, 241-256. doi: 10.1037/a0015309
- McCrae, R. R., Costa Jr, P. T., Martin, T. A., Oryol, V. E., Rukavishnikov, A. A., Senin, I. G., Urbánek, T. (2004). Consensual validation of personality traits across cultures. *Journal of Research in Personality*, 38(2), 179-201. doi: 10.1016/s0092-6566(03)00056-4
- Mitchell, G. (2018). An implicit bias primer. *Virginia Journal of Social Policy & the Law*, 25, 27-59.
- Natividade, J. C., & Hutz, C. S. (2015). Escala reduzida de descritores dos cinco grandes fatores de personalidade: prós e contras. *Psico (PUC-RS)*, 46(1), 79-89. doi: 10.15448/1980-8623.2015.1.16901
- Natividade, J. C., & Hutz, C. S. (2016). Personal characteristics associated with

- sexuality can be classified into seven dimensions in Brazil. *Personality and Individual Differences*, 97, 88–97. doi: 10.1016/j.paid.2016.03.030
- Natividade, J. C., Barros, M. C., & Hutz, C. S. (2012). Influência da flexão de gênero dos adjetivos em instrumentos psicológicos em português. *Avaliação Psicológica*, 11(2), 259-264.
- Nosek, B. A. (2005). Moderators of the relationship between implicit and explicit evaluation. *Journal of Experimental Psychology: General*, 134(4), 565-584. doi: 10.1037/0096-3445.134.4.565
- Nosek, B. A., & Banaji, M. R. (2001). The Go/No-Go Association Task. *Social Cognition*, 19(6), 625–666. doi:10.1521/soco.19.6.625.20886
- Nunes, C. H. S. S., Hutz, C. S., & Nunes, M. F. O. (2010). *Bateria Fatorial de Personalidade (BFP): manual técnico*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Nunes, C. H. S., Hutz, C. S., & Giacconi, C. H. (2009). Associação entre bem estar subjetivo e personalidade no modelo dos cinco grandes fatores. *Avaliação psicológica*, 8(1), 99-108.
- Nunnally, J. C. (1978). *Psychometric Theory* (2nd ed.). New York: McGraw Hill.
- Oliveira, M. Z., Barbosa, P. V., & Gauer, G. (2012) Avaliação de medidas implícitas e explícitas de carreira e gênero. *Psico (PUC-RS)*, 43(4), 452-462.
- Pacico, J. C., & Hutz, C. S. (2015). Validade. In C. S. Hutz, D. R. Bandeira, & C. M. Trentini. (Eds.), *Psicometria* (pp. 71-84). Porto Alegre, RS: Artmed.
- Pasquali, L. (2005). *Análise fatorial para pesquisadores*. Brasília: LabPAM.
- Pasquali, L. (2007). Validade dos testes psicológicos: será possível reencontrar o caminho? *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23(n.esp), 99-107.
- Pasquali, L. (2011). *Psicometria: teoria dos testes na psicologia e na educação*. Petrópolis: Vozes.
- Payne, B. K., & Gawronski, B. (2010). A history of implicit social cognition: Where is it coming from? Where is it now? Where is it going? In B. Gawronski, & B. K. Payne (Eds.), *Handbook of implicit social cognition: Measurement, theory, and applications* (pp. 1-15). New York, NY: Guilford Press.
- Peabody, D. (1987). Selecting representative trait adjectives. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52(1), 59-71. doi: 10.1037/0022-3514.52.1.59
- Perugini, M., Richetin, J., & Zogmaister, C. (2010). Prediction of behavior. In B.

- Gawronski & B. K. Payne (Eds.), *Handbook of implicit social cognition: Measurement, theory, and applications* (pp. 255-277). New York, NY, US: Guilford Press.
- Pervin, L. A. (1994). A critical analysis of current trait theory. *Psychological Inquiry*, 5, 103-113. doi: 10.1207/s15327965pli0502_1
- Pervin, L. A., & John, O. P. (2004). *Personalidade: teoria e pesquisa* (8 ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Petty, R. E., Fazio, R. H., & Briñol, P. (2008). The new implicit measures: An overview. In R. E. Petty, R. H. Fazio, & P. Briñol (Eds.), *Attitudes: Insights from the new implicit measures* (pp. 3-18). New York, NY: Psychology Press.
- Pinho, C. C. M., & Guzzo, R. S. L. (2003). Taxonomia de adjetivos descritores da personalidade. *Avaliação Psicológica*, 2(2), 81-97.
- Primi, R., Muniz, M., & Nunes, C. H. S. S. (2009). Definições contemporâneas de validade de testes psicológicos. In C. S. Hutz (Org.), *Avanços e polêmicas em avaliação psicológica* (pp. 243-266). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Quevedo, R. J. M., & Abella, M. C. (2011). Well-being and personality: Facet-level analyses. *Personality and Individual Differences*, 50, 206–211. doi: 10.1016/j.paid.2010.09.030
- Rabelo, A. L. A., Pilati, R., & Porto, J. B. (2016). O Teste de Associação Implícita para avaliação de preferência profissional em psicologia. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 17(2), 189-199.
- Rosenberg, M. (1965). The Measurement of Self-Esteem. In M. Rosenberg (Ed.), *Society and the Adolescent Self-Image* (pp. 16-36). Princeton University Press.
- Rydell, R. J., & McConnell, A. R. (2010). Consistency and inconsistency in implicit social cognition: The case of implicit and explicit measures of attitudes. In B. Gawronski & B. K. Payne (Eds.), *Handbook of implicit social cognition: Measurement, theory, and applications* (pp. 295-310). New York: Guilford.
- Schmukle, S. C., & Egloff, B. (2005). A latent state-trait analysis of implicit and explicit personality measures. *European Journal of Psychological Assessment*, 21, 100-107. doi: 10.1027/1015-5759.21.2.100
- Schmukle, S. C., Back, M. D., & Egloff, B. (2008). Validity of the five-factor

- model for the implicit self-concept of personality. *European Journal of Psychological Assessment*, 24, 263-272. doi: 10.1027/1015-5759.24.4.263
- Schnabel, K. & Asendorpf, J. (2010). The Self-Concept: New Insights from Implicit Measurement Procedures. In B. Gawronski and K. Payne (eds.), *Handbook of Implicit Social Cognition: Measurement, theory, and applications* (pp. 408-425), New York: Guilford Press.
- Schnabel, K., Banse, R., & Asendorpf, J. B. (2006). Assessment of implicit personality self-concept using the Implicit Association Test (IAT): Concurrent assessment of anxiousness and anger. *British Journal of Social Psychology*, 45, 373-396. doi: 10.1348/014466605X49159
- Searight H.R. (1992) Borderline personality disorder: diagnosis and management in primary care (review). *Journal of Family Practice*, 34, 605–612
- Siers, B. P., & Christiaensen, N. D. (2013). On the validity of implicit association measures of personality traits. *Personality and Individual Differences*, 54, 361–366. doi: 10.1016/j.paid.2012.10.004
- Slaughter, J. E., & Kausel, E. E. (2009). The neurotic employee: Theoretical analysis of the influence of narrow facets of neuroticism on cognitive, social, and behavioral processes relevant to job performance. In J. Martocchio & H. Liao (Eds.), *Research in personnel and human resources management* (pp. 265–341). Bingley, UK: Emerald Insight.
- Soto, C. J., & John, O. P. (2017). The next Big Five Inventory (BFI-2): Developing and assessing a hierarchical model with 15 facets to enhance bandwidth, fidelity, and predictive power. *Journal of Personality and Social Psychology*, 113(1), 117-143. doi: 10.1037/pspp0000096
- Steffens, M. C. (2004). Is the Implicit Association Test immune to faking? *Experimental Psychology*, 51, 165-179. doi: 10.1027/1618-3169.51.3.165
- Steffens, M. C., & Schulze-König, S. (2006). Predicting spontaneous Big Five behavior with Implicit Association Tests. *European Journal of Psychological Assessment*, 22, 13-20. doi: 10.1027/1015-5759.22.1.13
- Teige-Mocigemba, S., Klauer, K. C., & Sherman, J. W. (2010). Practical guide to Implicit Association Task and related tasks. In B. Gawronski & B. K. Payne (Eds.), *Handbook of implicit social cognition: Measurement, theory, and applications* (pp. 117-139). New York: Guilford Press.
- The jamovi project (2019). *jamovi* (Version 1.0) [Computer Software]. Retrieved

from <https://www.jamovi.org>

- Vianelloa, M., Schnabel, K., Sriram, N., & Nosek, B. (2013). Gender differences in implicit and explicit personality traits. *Personality and Individual Differences*, 55(8), 994-999. doi: 10.1016/j.paid.2013.08.008
- Victoria, M. S., & Fontenelle, L. (2011). O Teste de Associação Implícita no transtorno obsessivo-compulsivo (TAI-TOC): consistência interna e correlações com medidas explícitas. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 38(2), 53-56. doi: 10.1590/S0101-60832011000200002
- Victoria, M. S., & Soares, A. B. (2008). Avaliação do teste de associação implícita numa amostra de estudantes de psicologia. *PSIC-Revista de Psicologia da Vetor Editora*, 9(2), 211-218.
- Watson, D., Clark, L. A., & Tellegen, A. (1988). Development and validation of brief measures of positive and negative affect: The PANAS scales. *Journal of Personality and Social Psychology*, 54, 1063-1070. <http://doi.org/10.1037/0022-3514.54.6.1063>
- Woyciekoski, C., Natividade, J. C., & Hutz, C. S. (2014). As contribuições da personalidade e dos eventos de vida para o bem-estar subjetivo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 30(4), 401-409.
- Zanon, C., & Hutz, C. S. (2014). Escala de afetos positivos e negativos (PANAS). In C. S. Hutz (Org.), *Avaliação em Psicologia Positiva* (pp. 63-67). Porto Alegre, RS: Artmed.